

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
Departamento de Letras Modernas
Programa de Pós-graduação em Língua Espanhola e Hispano-americana

A (inter)língua do além – mar

*O contato lingüístico e as representações da língua espanhola na mídia
e na produção escrita de alunos*

Eduardo Vessoni Lopes

**Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação do Departamento de
Letras Modernas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em Letras**

Orientador: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjúl

São Paulo

2007

*Dedico esse trabalho a minha mãe, com
quem fiz as minhas primeiras descobertas
pela América Latina.*

Agradecimentos

Ao André Lima, pela paciência e pelo suporte tecnológico.

A Celina Marinho, com quem dividi as angústias e as descobertas de um trabalho de pós-graduação.

A Débora Bonfim “Lopes”, quem leu e apoiou as primeiras linhas deste trabalho.

A Érika Oliveira Magalhães, eterna amiga que soube me dar suporte nas horas mais difíceis.

Ao Fred, “irmão” espiritual que percorreu comigo caminhos tortuosos e fascinantes de um continente tão complexo como o nosso.

Aos meus alunos que dividiram comigo a tarefa de “montar” este trabalho.

Aos meus eternos professores Adrián Pablo Fanjul, Claudia Jacobi e Enrique Melone.

RESUMO

Este trabalho tem como objeto de estudo a análise de textos e imagens extraídos dos meios de comunicação e produção escrita de alunos aprendizes de espanhol, e as diferentes representações que aparecem nesses documentos acerca da América Latina e da Espanha.

PALAVRAS-CHAVE

Imaginário, discurso, língua espanhola, América Latina, Península Ibérica

ABSTRACT

This paper has texts and images analysis taken from communication media and texts written by Spanish learners, and different representation about Latin America and Spain that appears on them as study object.

KEY WORDS

Imaginary, speech, Spanish language, Latin America, Iberian Peninsula

ÍNDICE

Introdução	4
Capítulo 1	
<u>1 - Percorso histórico</u>	8
1.1 – Monarquia x República	12
1.2 - O Brasil versus o Brasil	13
1.3 - O Brasil versus a América Hispânica	16
1.4 - Primeira política lingüística no Brasil	20
<u>2 - Os imaginários sociais</u>	25
<u>3 – Interdiscurso e memória</u>	30
Capítulo 2	
<u>Alguns discursos na mídia</u>	33
Capítulo 3	
<u>Análise de produção de alunos</u>	68
Conclusões	98
Epígrafe	102
Anexos	103
Bibliografia	143

Introdução

O estreitamento das relações comerciais e políticas entre os países de língua espanhola e o Brasil, sobretudo a partir da última década do século XX com o estabelecimento do Mercosul, vem aumentando o interesse pelas culturas espanhola e hispano-americana e, conseqüentemente, a demanda do ensino de espanhol para brasileiros. Essa procura pelo aprendizado de uma língua tão próxima, e ao mesmo tempo tão distante do português brasileiro, vem carregada de diferentes representações acerca das regiões hispano-falantes, presentes tanto em documentos de diversos meios de comunicação como em produções escritas de aprendizes da língua espanhola, como veremos nos próximos capítulos deste trabalho.

A elaboração desta pesquisa surgiu a partir da nossa intuição sobre a presença desses imaginários na sociedade brasileira sobre a língua espanhola e as sociedades hispanas. Para perceber a materialização de tais representações, propúnhamos, inicialmente, a descrição e a análise de regularidades de unidades lexicais e sintáticas observadas na produção de textos de aprendizes de espanhol ao longo do desenvolvimento de sua interlíngua.

No entanto, a análise de documentos midiáticos e do corpus levantado a partir de redações de alunos, bem como o nosso interesse pelas questões históricas que poderiam explicar essas inquietudes, acabaram “desviando” a nossa atenção para outro problema, uma vez que não queríamos uma análise contrastiva de regularidades lexicais e sintáticas que apenas se limitasse ao contraste de formas, uma a uma, e sim um estudo que contemplasse os efeitos, os sentidos e as regras

de aparecimento presentes tanto nos discursos de aprendizes da língua espanhola como nos meios de comunicação.

A partir desses estudos, escolhemos analisar, entre tantas outras representações possíveis existentes, uma dupla presença de representações opostas no imaginário de uma parcela da população brasileira: uma visão europeizante, aristocratizante, da língua espanhola que se opõe à visão de um espanhol presente em uma América Latina representada, no imaginário do brasileiro, pelas festas alegres, pela desorganização e pelo atraso. Nosso questionamento principal é, pois, como funcionam essas representações tão contraditórias sobre as sociedades hispanas e como essas se materializam em discurso.

Para responder a tal pergunta, nos propomos a encontrar, descrever e analisar regularidades enunciativas congruentes entre os textos midiáticos apresentados neste trabalho e os textos produzidos por estudantes de espanhol.

Nosso objetivo secundário é realizar um percurso histórico que contemple as relações entre o Brasil e a América espanhola para melhor entendermos o que é e o que foi a América Hispânica para o nosso país para, posteriormente, compreendermos a necessidade de aproximação que houve entre o nosso país e a Europa, em especial com a Península Ibérica.

Recorreremos à história pois acreditamos que as imagens atuais sobre aqueles países hispano-falantes que fazem parte do imaginário do brasileiro de hoje não são representações criadas no período atual e sim reatualizações de discursos elaborados em épocas anteriores, são estratégias representacionais acionadas para construir o senso comum, o produto de várias histórias e de culturas interconectadas. Acreditamos que, assim como afirma Baczko¹, certos problemas e

¹

1985:299

fenômenos atuais são cabalmente compreendidos a partir das observações, intuições e interrogações que eles suscitaram no passado.

No primeiro capítulo, “Percurso Histórico”, faremos uma descrição da vida política no Brasil, sua relação com a América Latina no século XIX e as políticas lingüísticas até esse período. Optamos por esse recorte temporal por considerarmos que o século XIX é significativo para a compreensão do surgimento de uma tendência europeizante nas relações políticas, econômicas e sociais do nosso país, quer acreditamos ter continuidades, no plano do discurso, com algumas regularidades que aqui analisamos.

A partir dessas idéias partiremos, ainda no primeiro capítulo, para o referencial teórico no qual nos baseamos para fundamentar nossas hipóteses. O conceito de “interdiscursividade” será importante nesse momento, uma vez que o nosso trabalho se apóia nos estudos da Análise do Discurso cuja perspectiva é “tomar a sociedade e a História como discursos e textos que dialogam com outros discursos e textos que produzem sentidos”². De modo que, partindo dos pressupostos de que a linguagem está associada ao sócio-histórico e de que o discurso é o ponto de articulação entre o lingüístico e os processos ideológicos, acreditamos que o caminho histórico proposto aqui nos permite entender melhor os discursos e as ações que se produziram no passado entre o lado luso e o hispânico. Fazemos esse percurso para melhor vincular pistas presentes no recorte histórico analisado com as cenas enunciativas encontradas na mídia e nos textos produzidos por brasileiros aprendizes de espanhol, que abordaremos nos capítulos 2 e 3.

A partir dessas análises, o leitor encontrará no capítulo seguinte, “Alguns discursos na mídia”, uma análise das imagens de uma América Latina produzidas

²

Barros – 2000:9

em diferentes meios de comunicação atuais que, indiscutivelmente, servem para a construção e a manutenção das impressões acerca daquela região, bem como uma análise dos discursos desses meios. Para exemplificar, analisaremos a legendagem de uma cena do filme argentino “Nove Rainhas”, onde encontramos indícios de uma memória coletiva circulante na sociedade brasileira. Em seguida, a tira cômica “Los tres amigos”, resultado de um trabalho realizado por quatro cartunistas brasileiros, será nosso outro documento de análise. Posteriormente, passaremos à análise de uma propaganda de cerveja brasileira, “Puerto del Sol”, e suas imagens sobre a América Latina. Para concluir esse capítulo, analisaremos documentos jornalísticos (fotos e editoriais) relacionados com uma reunião de cúpula do Mercosul.

No terceiro capítulo, “Análise de produção de alunos”, partiremos para a análise de produções escritas de alunos aprendizes de espanhol de duas instituições do estado de São Paulo: *Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio de Salto* e *Universidade de São Paulo*. Na primeira, selecionamos textos de alunos do curso de Secretariado Executivo, onde havia sido proposto a produção escrita de uma descrição de moradias em sua região. Na segunda, onde se analisaram textos produzidos no curso de extensão (*“Español en el Campus”*), pediu-se que grupos diferentes de alunos narrassem brevemente uma situação que tivesse como cenário as ruas de cidades da Espanha e da América Latina.

Capítulo 1

1 - percurso histórico

“A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi e contra o que foi, anuncia o que será”.

Eduardo Galeano

Percebe-se que na última década houve um aumento da demanda de cursos de espanhol para brasileiros e o interesse pelas culturas espanhola e hispano-americana estimulados, principalmente, após a assinatura do Tratado de Assunção que deu origem ao Mercosul. A relação Brasil – Américas parece estar se estreitando cada vez mais, embora de forma ainda tímida e assimétrica, pois, parafraseando Antonio Cândido, a parte lusa parece preocupar-se mais pelo lado hispânico do que ele por nós.

“O espanhol tende a super-valorizar a sua cultura e impor a sua língua, enquanto o português aprende docilmente as dos outros. Pensemos em nós, herdeiros deles: ainda hoje, se for, por exemplo à Bolívia, um brasileiro se esforçará por falar *portunhol*, enquanto um boliviano no Brasil falará tranquilamente o seu bom castelhano.”³

Porém, a história nos mostra que nem sempre houve esse interesse por parte dos luso-falantes em manter relações harmoniosas com os falantes do castelhano e assimilar “docilmente” a sua cultura.⁴

³ 1993:130

⁴ Entre os séculos XV e fins do XVII houve uma espécie de “castelhanização” da corte portuguesa devido aos casamentos de soberanos de Portugal com princesas espanholas. No entanto, o bilingüismo daquele momento deu lugar a um espanhol de características muito particulares. “Era pronunciado com sotaque local e, além disso, a sua morfologia e a sua sintaxe afastavam-se freqüentemente da norma do país vizinho.” Teyssier (2004:44)

A análise dos dados históricos relacionados a diferentes períodos dessas duas regiões nos mostra que o nosso país sempre esteve, e às vezes parece ainda estar, de costas para seus vizinhos latinos, pois as afinidades e os interesses comuns, marcados por uma tradição eurocêntrica, estiveram orientados, durante e mesmo após o regime monárquico brasileiro, à Europa, e posteriormente aos Estados Unidos. A tentativa de aproximação com esse último foi tão expressiva que o nosso país, em 1890, passou a se chamar “Estados Unidos do Brasil” como prova da nossa admiração pelo progresso norte-americano.

Ao contrário da colonização inglesa de povoamento na região norte do nosso continente, marcada pelo estabelecimento de costumes trazidos da Europa e colonização das novas terras mais do que pela conquista violenta e o enriquecimento fácil, a “outra” América não teve a mesma sorte.

Embora tivessem um sistema comercial sofisticado, tanto a Espanha como Portugal não tiveram uma preocupação em estimular um desenvolvimento econômico da região baseado no capitalismo industrial que ainda dava seus primeiros passos na Europa, ainda que houvessem encontrado na região uma rica variedade de matérias-primas e alimentos, bem como mão-de-obra servil em abundância. “Os caminhos transportavam cargas num só sentido: rumo ao porto e aos mercados de ultramar.”⁵ Ocultavam-se os interesses mercantis daquelas potências sob o discurso salvador da expansão católica que, na figura da Igreja, era outro regulador poderosíssimo das sociedades encontradas nessa região.

Nesse momento, parece então dar-se início a uma problemática que marcaria a América ao longo de sua história: a desunião econômica e, sobretudo, o distanciamento sócio-cultural latino-americano, cujos vértices ainda estão nas

⁵

Galeano, 2002:145-146

capitais européias. A falta de conexão entre os centros de produção internos e os interesses voltados a um mercado externo explicariam o fracionamento da América Latina, uma desunião que parece ter sido ainda maior entre o Brasil e seus vizinhos do que entre os países de língua espanhola.

No entanto, por questões de espaço e, a fim de delimitar o período histórico que permeará nossa análise, tomaremos um momento mais preciso para pensar a relação entre o Brasil e a “distante” América Latina: o Império brasileiro e o momento de transição do regime monárquico para o republicano para, a partir desses dados, entendermos como se formou no Brasil um imaginário sobre o que é a América Latina e sua língua nativa. Nossos esforços também estarão voltados para compreendermos como aquele movimento em direção à Europa, sobretudo à Península, ainda hoje traz conseqüências discursivas às produções dos aprendizes brasileiros de E/LE.⁶

Antes de iniciar nossa análise sobre esse período político e econômico desses dois blocos americanos opostos, marcados de um lado pela insistência da monarquia brasileira e de outro pelo “ineditismo” da república no resto da América espanhola, consideramos fundamental fazer algumas constatações sobre o passado histórico dessas duas regiões, pois embora façamos parte de um mesmo espaço comum latino-americano, a América está formada pela coexistência de sociedades que ao longo da história estiveram distantes umas das outras, seja por questões geográficas e políticas, seja por questões lingüísticas.⁷

O desconhecimento e a desintegração à qual a América foi submetida parece ter seu início com a chegada dos primeiros europeus, sobretudo dos portugueses e espanhóis, e em como cada um deles “investiu” seus esforços na colonização

⁶ A partir de agora usaremos E/LE para referirmos a “espanhol / língua estrangeira”.

⁷ Embora não deixamos de reconhecer que tanto o espanhol como o português, além de sua origem comum, sempre tiveram contato na Península.

daquelas terras de “regiões inéditas, assombrosas e estranhas”, como assim as descreveu Américo Vespúcio em sua *Lettera* de 4 de setembro de 1504.⁸

O ensaísta Sérgio Buarque de Holanda, em seu “Raízes do Brasil”, faz justamente uma análise da formação do povo brasileiro, sem deixar de tocar evidentemente no tema do homem latino-americano, a partir das investidas políticas, econômicas e sociais dos europeus em terras americanas. As consequências das políticas daqueles europeus, que deixaram marcas profundas até os dias de hoje, dão início a um longo período de distanciamento político e cultural em toda a América.

“Em nosso próprio continente a colonização espanhola caracterizou-se largamente pelo que faltou à portuguesa: por uma aplicação insistente em assegurar o predomínio militar, econômico e político da metrópole sobre as terras conquistadas, mediante a criação de grandes núcleos de povoação estáveis e bem ordenados. Um zelo minucioso e previdente dirigiu a fundação das cidades espanholas na América”.⁹

Esse zelo minucioso espanhol a que se refere Holanda parece ser uma forma de evitar o “trauma” da falta de unidade política e territorial adquirido durante o período da Reconquista espanhola. Por isso, ainda segundo Holanda, “o esforço dos portugueses distingue-se principalmente pela predominância de seu caráter de exploração comercial; (...) os castelhanos, ao contrário, querem fazer do país ocupado um prolongamento orgânico do seu”.¹⁰ Prova disso são as atitudes tomadas pela Coroa de Castela durante a incorporação das novas terras, como o traçado em linhas retas dos centros urbanos da América espanhola, a construção de *plazas mayores* marcando o centro da povoação, a preferência pela colonização do

⁸ Ver Edmundo O’gorman. *A invenção da América*.

⁹ 2004 : 95-96

¹⁰ Holanda - 2004:98

interior e a criação de universidades já em 1538, evitando-se assim que os filhos da América tivessem que ir à Europa para completar seus estudos.

No Brasil, dá-se o caminho inverso ao da colonização espanhola, pois aqui se impedia o desenvolvimento intelectual¹¹, evitando-se assim, segundo Holanda (2004:121), a circulação de idéias que pudessem colocar em risco a ordem e a estabilidade do domínio português sobre aquela gente.

Porém, como já dissemos no início deste capítulo, o recorte que escolhemos para a fundamentação e compreensão históricas do fenômeno que nos propomos a analisar neste trabalho será o Império brasileiro e o momento de transição do regime monárquico para o republicano.

1.1 - Monarquia ou República?

“O Brasil é e, ao mesmo tempo, não é a América Latina”.

M. Lúcia Coelho Prado

1.2 - *O Brasil versus o Brasil*

Após a independência do Brasil em relação a Portugal, em 1822, dá-se início nesse país ao Primeiro Reinado do Império brasileiro, cujo regime político é encabeçado pelo príncipe regente Dom Pedro I. Marcado por uma política excessivamente centralizadora e um discurso exclusivista, seu regime não abria espaço para a discussão das diferenças nem para a negociação dos interesses divergentes. Lê-se, por exemplo, no artigo 99 da Constituição do Império que “a pessoa do Imperador é inviolável e sagrada: ele não está sujeito a responsabilidade alguma”. Provas disso são a polêmica elaboração dessa mesma Constituição,

¹¹ Tanto no que diz respeito ao número de universidades como a outro instrumento de divulgação de cultura: a imprensa. Para mais informações sobre os contrastes entre a América Espanhola e a Portuguesa, ver as notas do capítulo 4 de *Raízes do Brasil*, citado anteriormente.

alterada pelo próprio imperador a favor do aumento do seu poder, e concomitantemente a criação do Poder Moderador.

Esse quarto poder, privativo do imperador e que a princípio é apresentado como uma força neutra capaz de julgar as diferenças políticas da época, significou, na prática, maior autoridade ao monarca, pois esse teria poderes para dissolver a Câmara dos Deputados, nomear e demitir ministros, nomear senadores, prorrogar ou adiar o funcionamento da Assembléia Geral e dissolver a Câmara dos Deputados, convocando imediatamente novas eleições.

No entanto, o que o imperador não podia imaginar foi que esse mesmo poder centralizador seria o caminho natural para a desestabilização do seu reinado e a abdicação do trono em 1831. É nesse período que surgem os constantes conflitos com as elites de várias regiões brasileiras que reivindicavam maior autonomia para decidir sobre os seus interesses, como a Confederação do Equador¹² e a perda da possibilidade de ocupação do atual território uruguaio.

Com a renúncia do imperador, a Assembléia Geral optou por uma regência provisória até que seu sucessor natural, seu filho Pedro de Alcântara, pudesse assumir tal cargo. Os anos que se seguiram também seriam politicamente conturbados, pois as limitações dos poderes municipais e provinciais impostas pelo governo central foram os motivos pelos quais diversos grupos se organizaram para reivindicar maior autonomia regional. É nesse período de transição que rebentam revoltas como a *Cabanagem* (Grão-Pará, 1835-1840), *Farroupilha* (no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, 1835-1840), *Sabinada* (Bahia, 1837-1838), *Balaçada* (Maranhão e Piauí, 1838-1841) e a *Revolta dos Malês* (Bahia, 1835).

¹² A Confederação do Equador foi o movimento separatista criado em Pernambuco, em 1824, para proclamar a independência de várias províncias do Nordeste, criando um novo estado nacional, republicano, que reunisse as províncias de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba. (Cabrini et al – 2005)

É nesse cenário de revoltas populares que surge o movimento Regresso, representação dos interesses de uma elite que pretendia reverter a descentralização que se havia iniciado com a abdicação de Dom Pedro I, ampliando a autonomia municipal e dando poder às províncias.

Nota-se nesse primeiro período do Império brasileiro o intento desesperado da elite em manter a unidade econômica e política do país. A antecipação da maioridade de Pedro de Alcântara, em 1840, é uma evidência da necessidade de reorganização da ordem através da reaproximação com o poder imperial. Inicia-se então o Segundo Reinado e o declínio do período imperial brasileiro.

Esse período divide-se em dois momentos, segundo Monteiro (1994): a primeira fase (1850-1870) é marcada pela excessiva confiança no regime sob o mito da conciliação e da união pelo progresso. Porém, os anos que se seguem (1870-1889) tiveram como tônica a descrença no regime monárquico, que sofreu pressões populares suficientemente fortes para levá-lo ao declínio.

Nessa primeira fase, promoveram-se acordos com as elites locais de modo que os seus interesses estivessem sob o poder da Coroa. A Política da Conciliação (1853-1858) e a Liga Progressista (1862-1868) foram os exemplos de acordos de maior duração firmados naquele período em que partidos adversários (o Partido Conservador e o Partido Liberal) formularam um programa mínimo comum para se manterem no poder.

No entanto, a diversificação econômica brasileira naquela segunda metade do século XIX leva o país a uma diversificação social e a novas mentalidades que exigiam alterações estruturais na sociedade brasileira, tornando-se obrigatória a proclamação de uma república.

Destacamos a seguir alguns elementos relacionados com o declínio do regime monárquico no Brasil, segundo textos de Cabrini (2005):

- a crise política que se iniciou após o fim da Liga Progressista, em 1868;
- a abolição definitiva dos escravos no Brasil, em 1888, com a Lei Áurea, ruiu a confiança entre a elite econômica do país e a Monarquia;
- os gastos gerados pela Guerra do Paraguai e, conseqüentemente, o endividamento do Brasil;
- a exigência de mão-de-obra estrangeira devido à chegada das primeiras indústrias e o desenvolvimento da cafeicultura, de modo que os paulistas foram aderindo ao movimento republicano a partir de 1870;
- o avanço considerável na vida urbana na região Centro-Sul do país. Aparecem os bondes, algumas ruas centrais são iluminadas e recebem água encanada. É a Monarquia, agora, associada à idéia de retrocesso, de não-desenvolvimento.

1.3 - O Brasil versus a América Hispânica

Paralelamente aos fatos expostos anteriormente, o continente americano foi palco de vários congressos interamericanos cujos objetivos obedeciam a causas sempre distintas.

O primeiro encontro deu-se no Panamá, em 1826, seguido pelos de Lima (1847-1848), Santiago e Washington (ambos em 1856), Lima (1864 -1865) e o último novamente em Washington (1889 -1890).¹³

Embora o desenvolvimento da idéia interamericana tenha obedecido às necessidades políticas e econômicas de cada momento histórico, podemos entendê-la como um projeto grandioso que pretendeu “formar de todo o Novo Mundo uma só nação, com um único vínculo que [ligasse] suas partes entre si e com o todo”¹⁴, defendendo-se assim da intervenção de potências não-americanas no continente.

No entanto, o Brasil se diferenciava de seus vizinhos americanos devido a sua postura de resistência a essas iniciativas interamericanas. Exemplo disso é que, durante o século XIX, o nosso país esteve presente em apenas um dos encontros interamericanos realizados no continente, marcando assim a política da desconfiança e da rejeição dessas iniciativas por parte do Império.

De um lado, um Brasil singularmente monárquico, “uma planta exótica” no continente americano¹⁵, e do outro uma América republicana. Para os monarquistas do período analisado neste trabalho, a imagem a ser evocada era a de um período de progressos e de reformas tranqüilas presididas por um rei sábio e justiceiro ¹⁶.

“Isolado nas Américas como único defensor do princípio monárquico (...) o Estado brasileiro tinha dificuldades para situar-se ao lado de seus vizinhos na construção e instrumentalização de um discurso legitimador com base nas idéias de uma ruptura entre o Antigo Regime e a nova ordem, entre o Novo Mundo e o Velho Mundo, em síntese, entre a América e a Europa. Entre esses dois continentes, em um desafio à geografia, o Império inventava-se como um bastião da civilização (“européia”, naturalmente) cercado de repúblicas anárquicas. Um império distante e tropical, mas fundamentalmente civilizado, e, portanto, “europeu” .¹⁷

¹⁴ *Carta da Jamaica*, de Simón Bolívar. In: Chacon:23

¹⁵ definição dada por J. F. Normano (apud Costa – 1977:277)

¹⁶ Costa – 1977:259

¹⁷ Santos - 2003:25

Para os intelectuais e políticos brasileiros da época, as repúblicas hispano-americanas eram exemplos de caos, anarquia, instabilidade e fragmentação, enquanto que o Império seria a garantia de unidade política e territorial no Brasil. Por tanto, unir-se a essas repúblicas seria pôr em risco essa estabilidade. Pensava-se a monarquia como “a forma de governo mais adequada para assegurar a estabilidade política, a ordem, a paz, a unidade territorial, a prosperidade econômica, a justiça e a liberdade.”¹⁸ O discurso de poder presente no discurso daquela elite monarquista pretendia impor o consenso como unanimidade, de forma que qualquer outro discurso seria ameaçador à unidade e à prosperidade do país.

“O exemplo dos povos sul-americanos, que se tinham demonstrado incapazes de manter unido o antigo Império espanhol e que viviam ameaçados por agitação e lutas intestinais, serviria de argumento àqueles que consideravam a monarquia unitária e centralizadora a melhor solução para os problemas brasileiros”.¹⁹

Por outro lado, os opositores dessas idéias defendiam a integração latino-americana, pois acreditava-se que esse integracionismo seria para o nosso país uma possibilidade de superação do atraso.

“Dessa maneira, estava clara a diferença que se devia estabelecer entre “nós” e “eles”, entre o Brasil e os demais países da América do Sul, onde campeavam a desordem, a desunião e a fragmentação, todas alimentadas pelas idéias republicanas [tudo o que o Brasil não deveria ser]. O Brasil, em oposição, era forte, unido e, portanto, poderoso”.²⁰

¹⁸ Baggio - 1998:65-66

¹⁹ Costa – 1977:310

²⁰ Prado - 2001:131-132

Percebe-se, a partir dessa análise histórica, uma nação dividida politicamente marcada por uma forte presença de representações opostas que seus habitantes possuíam do seu próprio país com relação à outra América. Por um lado, o Brasil é enunciado como o espaço da civilidade, da ordem e da estabilidade, enquanto a América hispânica é o lugar da anarquia, do caos e da fragmentação. Uma representação que, ainda hoje, reforça a crença na unidade, na estabilidade e na prosperidade do Brasil.

Um discurso que, na verdade, não é nem atual e nem do período monárquico brasileiro, pois esse distanciamento político poderá ser visto já na época das colonizações na América. No conjunto, a Espanha era “uma ameaça sombria e permanente de absorção e liquidação da lusitanidade.”²¹, ainda que o Brasil sulista tenha surgido com o trabalho dos jesuítas espanhóis.

Esse mito fundador, que ainda hoje fornece elementos controladores dessas representações acerca do Brasil e da América Latina hispânica, possui uma profunda relação com um passado que não cessa e que se conserva presente sob nova roupagem. O que podemos notar nesse momento conflitivo e de tendências contraditórias presentes no interior daqueles discursos é o acionamento de estratégias representacionais com o fim de construir e regularizar o senso comum daquela sociedade, que nada mais era do que o produto de várias histórias e de culturas interconectadas.

Assim como explica Chauí²², os mitos se repetem indefinidamente através de representações da realidade reorganizadas ao longo da história, seguindo a hierarquia interna e a ampliação de seu sentido. Conseqüentemente, as ideologias,

²¹ Ribeiro – 1998-38
²² 2004: 9-10

que também acompanham esse movimento histórico de formação, alimentam-se dessas representações, atualizam-nas e as adequam a um novo momento histórico.

Acreditamos, pois, que é nesse (não) contato entre duas regiões de tendências opostas, assim como no contexto de interesses voltados para a Europa, que se dá início à formação das representações acerca da América Hispânica como “outra América”, um sentimento entre ser ou não ser parte integrante de uma região tão perto e ao mesmo tempo tão distante que se opõe a um certo “esnobismo” e às ânsias de europeização das elites tradicionais brasileiras presentes daquele período.

Segundo Prado²³, as diferenças, muito mais que as semelhanças, continuavam a ser destacadas.

“As visões da distância que nos separavam contribuíram para a construção de um imaginário que forjou uma memória transformada em senso comum e que remetia ao passado histórico apresentado como legitimador do presente”.

A compreensão dessas representações forjadas em um tempo anterior na história política do Brasil nos ajuda a melhor entender a necessidade constante de se manter a ordem interna e a estabilidade na colônia portuguesa através de questões político-jurídicas que serão tratadas na seção seguinte.

1.4 - Primeira política lingüística no Brasil

No entanto, essa busca “desesperada” pela homogeneização daquela sociedade não esteve presente apenas no terreno das questões econômicas e políticas, mas também no campo lingüístico.

²³

2001:146

A religião durante o período colonial brasileiro foi uma das funções urbanas mais importantes daquele período, já que as político-administrativas e as comerciais estavam concentradas em poucos centros portuários. É importante lembrar que a colonização portuguesa foi marcada, desde o início, pela concentração ao longo da costa, de onde eram exportadas as principais riquezas do país: açúcar, fumo e algodão. As capitais dessas províncias situadas no litoral eram as mais movimentadas, as mais modernas e as mais europeizadas. A aliança Estado-Igreja permitia a aproximação entre o mundo selvagem e o mundo civilizado.

O português da elite, das autoridades e dos eclesiásticos, não estava sozinho nessa região. A diversidade lingüística do nosso país estava formada, entre as inúmeras línguas indígenas existentes, pela língua geral (tupinambá), línguas européias, latim e línguas africanas, cujo objetivo de uso era distinto segundo o espaço comunicativo. O latim, por exemplo, estava reservado ao religioso e também ao pedagógico das elites, enquanto que a língua geral era oralizada e difundida na região de São Paulo.

A necessidade de se impor uma unidade, como se verá também nos anos monárquicos, ante essa diversidade de línguas e culturas existentes no Brasil, faz com que o governo português e os padres jesuítas voltem seus esforços para a resolução desse tema conflitivo. Isso significava a imposição de uma única língua que pudesse diluir essa variedade lingüística e cultural, já que o Brasil colonial era palco das seguintes cenas: de um lado, um país sob a política impositiva da língua portuguesa de uma metrópole que pretendia civilizar “selvagens”, lingüisticamente “deficientes”, segundo os moldes da civilização européia. Do outro lado, vê-se uma

Igreja evangelizadora que, a partir do processo de gramatização²⁴, passou a ensinar a língua local, o tupi.²⁵

A vida cultural e a instrução formal estavam, conseqüentemente, vinculadas à religião e a sua função de cristianizar a população nativa. Assim como descreve Costa²⁶, “os colégios religiosos tiveram o monopólio da cultura, preenchendo as necessidades da colônia, fornecendo uma educação retórica e erudita, ornamental, essencialmente definidora de **status**, elitista pela sua própria natureza”.

No entanto, assim como explica Mariani²⁷, “em ambos os casos o objetivo era o mesmo: inscrever o índio como um sujeito colonizado cristão e vassalo de El Rei a partir do aprendizado e utilização de uma só língua. Os efeitos produzidos em função da adoção de uma ou outra língua, porém, é que resultam diferentes.”

Aquelas práticas não tinham apenas uma orientação religiosa, eram também um intento forçado e desesperado de apagar a heterogeneidade de línguas ali existentes.

Naquele momento, coexistia, com o português europeu, falado pelos “colonos” de origem portuguesa, a língua geral, um tupi simplificado e gramatizado pelos jesuítas²⁸, baseado nos modelos europeus de sistematização. Porém essa língua comum, utilizada não somente nos contextos religiosos, começa a perder força concomitantemente às hostilidades das práticas catequistas jesuíticas dos missionários. Esses passam a ser vistos como centralizadores da atenção da população indígena, ao mesmo tempo em que se começa a acreditar que se fazia

²⁴ Auroux - 1992

²⁵ A língua majoritariamente falada na costa brasileira era o tupi que, nas primeiras décadas da colonização, era conhecida como língua brasílica.

²⁶ 1977:183

²⁷ 2004:95

²⁸ Segundo Auroux, o fenômeno da gramatização é uma técnica, ao mesmo tempo, de aprendizagem das línguas e um meio de descrevê-las. (Auroux – 1992)

necessário “instalar” uma única língua principal que organizasse e suprisse o caos e a carência lingüística da colônia.

Assim como já afirmara Maquiavel em seu clássico *O Príncipe*, as maiores dificuldades de incorporação de Estados aos principados dominadores surgem quando esses Estados incorporados possuem língua, costumes e regras diferentes, e é desses (des)encontros que se dá o “nascimentos das desordens”.²⁹

Na América portuguesa não foi diferente. Com o objetivo de afastar essa diversidade e esse “caos”, o marquês de Pombal encontra a solução em seu *Diretório* de 3 de maio de 1757, ordenando o aprendizado elementar da Língua Portuguesa como uma iniciativa para o ensino normativo daquele idioma. É o fim definitivo da aliança entre o Estado e a Igreja, e conseqüentemente o apagamento do que seria a invenção “abominável e diabólica” que havia sido a língua geral. Não fora exatamente um ato anti-religioso, mas sim uma tentativa de reduzir a influência de grupos católicos sobre aquela sociedade. O maior deles foi a Cia de Jesus, ordem religiosa fundada na França em 1534, cujos 670 membros comandavam os colégios jesuíticos.

Aplicada inicialmente na região do Pará e do Maranhão, a nova política lingüística estendeu-se no ano seguinte a todo o Brasil, proibindo assim o uso da língua geral sob idéia de que “a língua da metrópole é a que deve ser falada na colônia.”³⁰

Vê-se uma vez mais como essa orientação, agora lingüística, colaborou para a concretização do projeto político português. Ainda segundo Mariani (*ibidem*: 18), “uma única língua era convocada para diluir a diversidade, possibilitando, dessa forma, inscrever o sujeito colonizado em outra memória homogênea: a do europeu

²⁹ Maquiavel – 1996:51

³⁰ Mariani - 2004:25

cristão. Há neste sentido um efeito homogeneizador resultante do processo colonizador que, ainda hoje, repercute no modo de conceber a língua nacional no Brasil.” (tradução nossa)

A relação entre língua e fé, anterior à intervenção pombalina, dá lugar a uma forte imagem enunciativa que relaciona língua e política (da nação conquistadora e na nação conquistada); uma “nova” língua como instrumento de controle e de poder, pois, se o Brasil é colônia de Portugal, é a língua do rei dessa nação que deve ser usada. “Trata-se da construção imaginária de uma unidade e de uma homogeneidade lingüística”.³¹

É nesse momento do século XVIII, em que a língua vai adquirindo outra função, que encontramos a chave para a compreensão do fenômeno que viemos analisando ao longo deste trabalho, já que a história do Brasil passa a ser narrada a partir da história de Portugal. A partir dessa mudança forçada e violenta de língua (de desindianização do índio e de desafricanização do negro), o povo brasileiro vê-se despojado de suas raízes e torna-se obrigado a assimilar uma nova identidade.

A memória é construída para o Brasil segundo o que se construiu para Portugal, cuja língua é língua de cultura, “que tem história e que por isso – junto com a latina – pode contar a história do Brasil, que não é outra, neste século XVIII, senão a das conquistas de Portugal.”³²

Isso quer dizer que a língua portuguesa que se passou a falar aqui trazia consigo uma memória europeia, “a memória do colonizador sobre a sua própria

³¹ op. cit. pág. 33

³² Mariani – 2004:114. Nessa obra, a autora descreve no capítulo 4, como forma de exemplificar a criação forçada de uma identidade e de uma história para o Brasil, a criação das Academias Brasileira dos Esquecidos (ABE) e Brasileira dos Acadêmicos Renascidos (ABAR). Essas Academias que são fundadas no país têm como objetivo fazer circular, na memória daquela gente, determinados enunciados que fomentasse a idéia do que realmente deveria ser o Brasil, nem que para isso fosse necessário “apagar” a língua e a realidade brasileiras. O que de fato aconteceu.

história e sobre a sua própria língua”³³, e nessa memória estava inscrita uma língua portuguesa europeia homogênea e estável, assim como a metrópole. Era a reprodução fiel do mundo europeu, começava-se a narrar a história do Brasil a partir da história de Portugal, construía-se uma imagem segundo o que se havia construído para Portugal, de modo que se buscava pré-construir uma memória para o futuro daquela gente e para o que viria a ser a sua língua oficial.

Um dos propósitos deste trabalho é relacionar esse imaginário construído sobre o português no Brasil com as duas representações antagônicas acerca da língua espanhola: ora a de um idioma homogêneo e estável, ora caótico. Voltaremos a esse tema no capítulo *“Alguns discursos na mídia”*.

2 - Os imaginários sociais

O conceito de imaginário será de extrema importância para avançarmos na compreensão desse processo de formulação de idéias e do papel dessas na formulação de ações e práticas, já que ao narrar uma nação torna-se impossível não esbarrarmos nos símbolos e nas representações nela compostas.

Acreditamos que, ao nos apoiarmos na teoria das representações sociais, poderemos melhor compreender o senso comum que está presente em todas as sociedades modernas, suas determinações, sua origem e as influências que o alimentam.

Segundo a definição que Baczko dá em seu texto “Imaginação Social”, os imaginários sociais são bens simbólicos fabricados por qualquer sociedade que guiam as ações, modelam os comportamentos e mobilizam as energias para, ao final, compor uma “ordem”, legitimar o poder. Porém esses imaginários só passam a

³³

Mariani – 2004:24

existir onde a linguagem simbólica se torna comunicável, ou seja, quando a sua expressão é garantida pela evocação de uma imagem, seja ela acionada por palavras, por figuras de linguagens ou por objetos.

“Quando uma sociedade, grupos ou mesmo indivíduos de uma sociedade se vêm ligados numa rede comum de significações, em que símbolos (significantes) e significados (representações) são criados, reconhecidos e aprendidos dentro de circuitos de sentido; são utilizados coletivamente como dispositivos orientadores / transformadores de práticas, valores e normas; e são capazes de mobilizar socialmente afetos, emoções e desejos, é possível falar-se da existência de um imaginário social”.³⁴

Isso nos faz lembrar, para retomar o ponto histórico do qual partimos neste trabalho, as colonizações na América e as produções de sentido que (não) se deram naquele momento, pois não estavam estabelecidos, naquelas sociedades “selvagens”, certos dispositivos orientadores/transformadores de práticas. Exemplo disso foi o assombro dos indígenas ao verem as primeiras caravelas aportando em praias americanas e logo as primeiras notícias: “Um grande ‘monte’ nadava mexendo-se pelo mar.”³⁵ Para aqueles índios assustados, aquelas caravelas repletas de armas, animais desconhecidos e homens com armaduras, não poderiam ser nada mais do que um ‘monte’ sobre o mar, o que nos leva a crer que no seu imaginário não deveriam haver representações que dessem sentido para aquelas imagens. O que para alguns, como Galeano, significou a derrota daquela gente.

Isso significa dizer que o indivíduo está inserido em uma sociedade repleta de representações dominantes e serão essas as responsáveis pela manutenção e pela materialização de suas práticas.

³⁴ Capelato e Dutra : 229
³⁵ Galeano, 2002:28

Devemos lembrar que a nação, termo histórico inventado recentemente³⁶, é a (re)produtora de signos que indicam “algo que significa alguma outra coisa e cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica”.³⁷

Assim como Hall³⁸, acreditamos que referir-se a uma nação não significa apenas referir-se a uma instituição política, mas sim a algo que produz sentidos, um “sistema de representação cultural”.

“As identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (Englishness) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa.”

No entanto, embora esse imaginário seja um conjunto de representações que faz parte constitutiva do real (não é revestimento, nem ornamento do real, é inerente a ele)³⁹, é apenas com a instalação do poder estatal, centralizado, que os imaginários sociais se desritualizam, ganhando autonomia e diferenciação. Baczko diz que a instalação de um novo imaginário, através dos seus símbolos, cultos e ritos, consolida uma nova organização social, criando então novas crenças. É no discurso autoritário que “o signo se fecha e irrompe a voz da ‘autoridade’ sobre o assunto, aquele que irá ditar verdades como num ritual entre a glória e a catequese”⁴⁰, é o monólogo sobre o diálogo.

Podemos afirmar que as representações são conhecimentos socialmente elaborados: “é através do intercâmbio de informações e de maneira coletiva como se

³⁶ Segundo Chauí (2004:14), o termo Estado-nação data por volta de 1830.

³⁷ Chauí (2004:12)

³⁸ 2005:48-49

³⁹ Baitz – 2004:22

⁴⁰ Citelli – 1995:39-40

elaboram as representações sociais, e é por isso que se trata de um conhecimento compartilhado.”⁴¹

O período de transição entre os períodos monárquico e republicano no Brasil nos serve como exemplo do que acabamos de expor nos parágrafos anteriores, já que mesmo com a proclamação da República, a voz dos monarquistas não foi calada e esses continuaram a dar a sua interpretação dos fatos através de discursos que tentavam manter no imaginário brasileiro a idéia de que a queda do antigo regime não passara de um equívoco.

O retrato que se faz do Império é completamente oposto ao do período republicano como nos mostra a análise de documentos da época realizada pela professora Emilia Viotti da Costa:

“O império não foi a ruína, foi a conservação e o progresso. Durante meio século manteve-se íntegro, tranqüilo e unido o território colonial. Uma nação atrasada e pouco populosa converteu-se em grande e forte nacionalidade, primeira potência sul-americana, considerada e respeitada em todo o mundo”.⁴²

A versão dos republicanos, também contraditória e não menos imparcial, ressaltava, logo nos primeiros anos posteriores à proclamação da República, o valor corretivo dos vícios do antigo regime, um desejo nacional concretizado graças aos esforços do partido republicano e do exército, os intérpretes do povo. Esse seria o desenlace natural dos acontecimentos.

Analisando os discursos anteriores à luz das reflexões de Roger Chartier⁴³ sobre as representações sociais, podemos afirmar com mais segurança que a construção e a imposição das representações que o brasileiro tem de si e como esse

⁴¹ Banchs - 1991: 9

⁴² Costa – 1977:249

⁴³ 1990

vê o outro na América Latina, bem como a constante vontade da elite brasileira de se aproximar da Europa, tiveram conseqüências sobre as imagens que hoje o brasileiro tem de seus vizinhos latino-americanos e sobre como essas imagens repercutem na formação do discurso do aprendiz de língua espanhola. Discurso esse que parece estar marcado pelo entrelaçamento de outros discursos pertencentes a um estágio anterior ao do português falado atualmente no Brasil. Algumas de suas produções enunciativas parecem nos levar a um período monárquico de formalidade e de protocolo nas relações interpessoais.

Para Chartier, as imagens representacionais “são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam” e “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros [pois] produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros.”⁴⁴

Assim como a compreensão dos mitos, a compreensão dos mecanismos utilizados na construção de tais representações nos “ajudam muito mais a compreender a época em que foram forjados do que o universo remoto que pretendem explicar.”⁴⁵ A realidade e o indivíduo interagem e se constroem reciprocamente.

3 – Interdiscurso e memória

“Sei que às vezes uso palavras repetidas, mas quais são as palavras que nunca são ditas?”

(“Quase sem querer” – Renato Russo)

Para avançarmos em nosso estudo, e antes de analisarmos nosso corpus, consideramos importante um melhor esclarecimento sobre o conceito de

⁴⁴ op. cit. p. 17

⁴⁵ Alfredo Bosi (apud: Fiorin - 2000:45)

interdiscursividade e, posteriormente, uma breve análise de exemplos que deram origem a esta investigação.

Ante as questões históricas expostas nos capítulos anteriores, este trabalho não poderia deixar de tocar em um ponto fundamental na reflexão sobre o discurso: as marcas de sua heterogeneidade. Ao nos apoiarmos nas teorias desenvolvidas pela Análise do Discurso, acreditamos também na relação do discurso com a história, como a materialização do processo enunciativo, “cuja materialidade exhibe a articulação da língua com a História.”⁴⁶

Os discursos que analisaremos neste trabalho parecem ser determinados pela História, são resultados de uma articulação e de um entrecruzamento de discursos anteriores (re)ativados a partir da memória social. Retomaremos esse ponto no capítulo três (“Análise de produção de alunos”), onde veremos como certos fenômenos lingüísticos ganham força por serem efeito de um imaginário sobre a língua alvo. Assim como diz Maingueneau⁴⁷, “enunciar não é somente expressar idéias, é também tentar construir e legitimar o quadro de sua enunciação.”

Tais idéias nos levam ao último tema deste capítulo, o qual consideramos essencial para a compreensão do problema exposto neste trabalho: a interdiscursividade presente na interlíngua dos aprendizes brasileiros E/LE. A análise dessa diversidade será abordada a partir do conceito de interdiscurso, o “pré-construído”⁴⁸ que “impõe a 'realidade' e seu 'sentido', é o que fornece a matéria-prima na qual o sujeito se constitui em relação a suas formações discursivas preponderantes.”⁴⁹

⁴⁶ Gregolin, 2000:19

⁴⁷ 2001:93

⁴⁸ O conceito de 'pré-construído' foi proposto por P. Henry em um trabalho de 1977 (apud Serrani Infante, 1998:235)

⁴⁹ Serrani-Infante, 1998:235

Para Pêcheux, ao analisar discursos, devemos considerar as relações de sentidos nas quais esses discursos são produzidos, uma vez que todo discurso remete a tal outro, “o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discursivo prévio...”⁵⁰ Por isso podemos afirmar que um discurso nunca é autônomo, já que o locutor não é a origem do seu discurso e esse é remissível a outros discursos historicamente enunciados anteriormente.

Sobre essa relação interdiscursiva, Maingueneau afirma que a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos no presente.

Assim como Hall (2005), para quem a identidade do homem não está determinada pelo biológico e sim pela história, acreditamos que a enunciação de textos está marcada pela conviviabilidade de tempos, ou seja, que o que se diz é explicado pelas condições históricas e não nos atos de fala. É a história que determina o discurso, essa massa circulante de restrições históricas, ideológicas e políticas.

Não se constrói o sentido dos enunciados através das partes que os compõem. O sentido é constituído pela relação destes com outros dizeres produzidos em outras épocas e em outros espaços sociais, um enunciado é sempre a reatualização de outros enunciados, um supõe o outro. Assim como Guimarães⁵¹, acreditamos que “não seria possível imaginar a existência de um enunciado único. Faz parte das condições de existência de um enunciado que existam outros.”

É pensando nesse caráter relacional entre enunciados, já que “algo sozinho nunca é linguagem”⁵², que convidamos o leitor ao próximo capítulo. Ali teremos a

⁵⁰ “Análise automática do discurso” - Michel Pêcheux em Gadet, F. (1993:77)

⁵¹ 1989:74

⁵² Ibidem:74

oportunidade de mostrar, através de textos da mídia, como um discurso atual é, na verdade, atualização de outros enunciados produzidos em outras épocas.

Capítulo 2

Alguns discursos na mídia

Embora tenhamos feito esse percurso histórico-político pelas Américas espanhola e portuguesa, acreditamos que esse seria insuficiente para entendermos os atuais discursos brasileiros acerca da língua espanhola e da América Latina. O cenário discursivo que notamos nessa região está construído também com base em dados fornecidos e fomentados pelos meios de comunicação atuais.

A mídia, ferramenta intermediária de difusão de informação presente no cotidiano de qualquer cidadão moderno, também é responsável pela construção de um imaginário que penetra o discurso do aprendiz de E/LE, é origem dessas outras vozes que constituem esse aprendiz e o seu dizer. A aparente homogeneização de sentidos produzidos por esses veículos de comunicação dá lugar a uma multiplicidade de discursos e de sentidos produzidos e reforçados ao longo da história.

Assim como afirma Gregolin⁵³, “na interpretação de um texto da mídia, o centro da relação interpretativa não está nem no eu (sujeito enunciador), nem no tu (sujeito leitor), mas no espaço discursivo criado entre ambos”. A chave para a compreensão desse fenômeno é conhecer o lugar de onde se fala, pois as representações que surgem nesse espaço nada mais são do que o produto de várias histórias que constroem um senso comum, uma massa circulante determinada pelas restrições históricas, ideológicas e políticas, já que o discurso e a realidade não são exteriores um ao outro.

Para perceber essas marcas históricas guardadas pela memória da língua que coloca em circulação outros enunciados já produzidos em discursos anteriores,

⁵³

2000:25

nos propomos a analisar exemplos extraídos de diferentes mídias que demonstram a imagem que se tem sobre a língua espanhola e seus espaços sociais e discursivos.

Iniciaremos nossa análise com um trecho do filme “Nove Rainhas”, produção argentina de 2000 com direção do cineasta Fabián Bielinsky, e, posteriormente, analisaremos a tira cômica “Los tres amigos”. Em seguida nos propomos a analisar a campanha publicitária de uma cerveja brasileira, “Puerto del Sol” e, finalmente, chegamos à análise de documentos de mídia jornalística (editorial e fotos, especificamente) relacionados à Cúpula do Mercosul no Rio de Janeiro.

Nove rainhas

Escolhemos essa produção cinematográfica argentina para análise devido a dois motivos. O primeiro se deve ao fato de que essa obra foi responsável pela abertura e pela melhor aceitação do mercado brasileiro às produções latino-americanas no início desta década. Um ponto a ser considerado se pensarmos na tímida distribuição, no Brasil, de películas produzidas naquela região em anos anteriores. Mas esse esforço seria em vão não fosse a aceitação do público brasileiro que lotou as salas em que foi exibido durante os sete meses consecutivos em que esteve em cartaz na cidade de São Paulo.⁵⁴

O trecho a ser analisado é um diálogo entre os dois protagonistas do filme, Marcos e Juan, e um empresário espanhol que se encontra em um hotel na cidade de Buenos Aires a fim de negociar a coleção de selos raros que estão sob os cuidados dos dois jovens trapaceiros.

A nossa atenção nesse momento da trama está voltada, sobretudo, para as formas de tratamento (*tú*, *vos* e *usted*) que aparecem no diálogo estabelecido entre

⁵⁴ Dados extraídos do artigo “América Latina grita”, publicado na revista do Memorial da América Latina, *Nuestra América*, ano 2003, n° 23

os argentinos e o espanhol, e como esse sistema triádico foi interpretado e traduzido para o português brasileiro. Devemos esclarecer que em nenhum momento faremos essa análise baseada em alguma teoria da tradução e sim em nossos estudos baseados nas teorias da Análise do Discurso. Assim, nossas observações serão sobre aspectos do imaginário sobre a diversidade lingüística evidenciado na tradução.

Voltamos nossa atenção, inicialmente, ao tratamento não recíproco, vertical, que se dá entre aqueles personagens. Os jovens argentinos polarizam o uso de *usted*, pois se encontram diante de alguém de maior autoridade e de idade mais avançada. Por outro lado, o empresário espanhol opta pelo *tuteo* como forma de aproximação psicológica e afetiva com os possíveis vendedores de selos raros. Como podemos observar no trecho abaixo:

Marcos: *¿Usted quién es?*

comprador español: *Si lo que tienes para ofrecer es lo que yo creo.*

Marcos: *Perdón, ¿usted quién es?*

comprador espanhol: *La persona que te indicaron, la que viniste a buscar.*

Marcos: *Bien, yo no tengo nada para vender, ni le pedí ningún favor.*

Estamos aquí por gentileza, usted nos hizo un favor en el baño, un mal entendido. Pero la verdad, es que no sé quién es usted.

Até aqui parece não haver nenhuma novidade, pois, como já é sabido, a norma estabelece os pronomes *tú* e *usted* como pronomes pessoais de tratamento informal e formal, respectivamente, norma essa adotada pela maior parte dos países hispano-falantes.

No entanto, o que nos chama a atenção, e o que justifica a inclusão desse trecho de *Novas Rainhas* em nossa análise, é a tradução dessas formas de tratamento, ora formal ora informal, para o PB, como se pode notar na tradução do mesmo trecho anterior.

Marcos: *Quem é o senhor?*

comprador espanhol: *Se o que tens aí é o que penso.*

Marcos: *Quem é o senhor?*

comprador espanhol: *Quem te indicaram, quem procuras.*

Marcos: *Não tenho nada à venda, estamos aqui por gentileza. O sr. nos fez um favor, foi um engano. Não sei quem é o senhor.*

Optou-se durante toda essa cena, como se verá em outros momentos do mesmo diálogo, pelo seguinte “jogo” de tradução. A formalidade no discurso dos argentinos está definida pelas marcas verbais de terceira pessoa do singular e também pelo pronome de tratamento “o senhor”. Porém, diante da informalidade desse mesmo comprador europeu com relação aos argentinos (uso de “*tú*”), frente a uso de *vos* entre os personagens portenhos ao longo de todo o filme, os tradutores optaram por uma forma de tratamento pouco utilizada no Brasil, o pronome de segunda pessoa do singular do português, *tu*, como se pode notar em “Se o que tens aí é o que penso” e “Quem te indicaram, quem procuras.”

Isso pode ser notado ao longo de todo o diálogo entre os três personagens da trama. O recorte nos permite observar repetidamente a opção feita pelos tradutores para marcar as diferenças entre os espaços enunciativos em que se encontram os argentinos e o espanhol, o lugar de onde se fala.

O seguinte trecho, bem como o seu equivalente em português, é mais um exemplo do que expusemos nas linhas anteriores que, nos recortes abaixo, vai sublinhado e com uma indicação numérica que se refere ao seu correspondente na tradução para o português.

comprador español: ¡Vaya profesionales! (a sus empleados) ¿Entendéis, cretinos, cómo se hacen estas cosas? Sí tú tuvieras algo para ofrecerme seguramente (1) llamarías a mi puerta como un vendedor de enciclopedias. Pero si (2a) fuera un porteño listo (2b) intentarías que yo me interesara. (3) Buscarías la forma de que yo te buscara a ti y no al revés. (4) Podrías, por ejemplo, tener una conversación telefónica con un supuesto comprador y asegurarte de que yo la escuchara. Aunque debe ser sutil,, no decir nada como: “¿Cómo?, ¿Por las Nueve Reinas?, ¿Pero vos estás loco?”. Y luego el policía: ¿No, por favor, no me pegues, no me pegues. Tengo algo para vender, sí, pero es legal, te lo juro”. ¿Entendéis? Fue tan ridículo.

comprador espanhol: Mas que profissionais. (aos seus empregados) Viram como se faz? Para vender algo, (1) chamarías à porta como um vendedor de enciclopédias. Se (2) fosses um portenho esperto, (2b) despertarias meu interesse. (3) Me fazias procurá-lo e não o contrário. (4) Falavas ao telefone com um suposto comprador e me farias escutar, mas deve ser sutil. Nada de: “Pelás Nove Rainhas, está maluco?”. Depois o vigia: “Não me bata, vendo uma coisa, mas é legal, juro”. Entendes? Foi tão ridículo.

O nosso questionamento é saber por que os tradutores optaram pela tradução do *tú* peninsular em um *tu* já quase em desuso em português brasileiro (PB), já que em outros diálogos da trama o pronome *vos* é traduzido como *você*. Em todos os casos, optou-se pelas formas de tratamento informal utilizadas pelo português europeu (PE).

Será mais uma pista de uma memória coletiva que vem à tona, como um conjunto de traços que (ainda) forma uma imagem de uma língua espanhola “européia” que, assim como o PE, é vista como formal, correta e idealizada, e que deve ser marcada, discursivamente e sintaticamente, como diferente e distante do espanhol americano e do PB?

Los tres amigos

O segundo documento de mídia que usaremos para a nossa análise seguinte é a tira cômica da série “*Los tres amigos*” dos cartunistas brasileiros Laerte, Adão, Angeli e Glauco, publicada diariamente no caderno Ilustrada do jornal Folha de S. Paulo.



Fonte: <http://p.php.uol.com.br/laerte/index.php?ira3amigos16.gif>

Nesse contexto social, encontramos um conjunto de fatores selecionados que nos permitem descrever e compreender a conjuntura em que se dá a breve história entre o casal.

Assim como Bakhtin, acreditamos que “a situação extraverbal nunca é apenas a causa exterior do enunciado, ela não age do exterior como uma força mecânica”, (ela é) “um constituinte necessário à sua estrutura semântica.”⁵⁵ Isso significa dizer que essa estrutura tem em si as marcas do contexto onde foi construída.

A cena enunciativa armada pelos autores está carregada de representações que ativam a memória social do leitor acerca de uma América Latina que ainda é aquela região distante e desconhecida, lugar do caos, da desordem e da anarquia presentes em discursos anteriores, como já vimos no capítulo 1 na seção “Percurso Histórico” deste trabalho.

Em primeiro lugar, analisemos **o espaço geográfico** em que ocorre a história. A situação se dá supostamente em algum país latino-americano cujo cenário parece ser uma terra desolada, inóspita e com poucos habitantes, assim como os clássicos filmes norte-americanos de bang-bang ambientados nos desertos do México. Essa imagem é reforçada quando se verifica a presença de casas simples de madeira, um chão irregular, ainda não asfaltado, e a presença de animais (como o bebedouro destinado para o gado, como podemos ver no quarto quadrinho), o que salienta ainda mais a imagem de uma região não desenvolvida.

Outro ponto que devemos ressaltar é o dos habitantes como **sujeitos sociais**. Já na primeira cena, os habitantes daquela região são vistos como preguiçosos que fumam cachimbo ou mascam palha dispostos a presenciar, atônitos, uma simulação de briga entre um casal. O cenário é, ao mesmo tempo, o lugar da indiferença, já que ninguém está disposto a “meter la culér”, do caos e da violência, uma vez que marido e “mulér” decidem acertar as contas com armas em plena via pública.

E por último, ressaltamos também as **generalizações lingüísticas** acerca da língua espanhola que são feitas ao longo de toda a história. Aspectos gramaticais como a ditongação da letra “o” em algumas palavras em espanhol (“Socuerrro”) e particularidades fonéticas (“**B**agabunda”, “piraña”, “**j**o”, “peguê”) são outros elementos que acentuam o distanciamento, e ao mesmo tempo a proximidade, entre

o castelhano e o português. Essas fórmulas lingüísticas escolhidas pelos autores fazem parte de um estereótipo fonético que se acredita ser representativo da América Latina em geral, ainda que a forma “jo” pareça remeter-nos a um espanhol rio-platense (Argentina e Uruguai).

Essas imagens são, pois, a atualização de temas e de figuras do passado que reforçam a memória do presente. Como bem diz Gregolin, “a imagem traz discursos que estão em outros lugares e que voltam sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrases.”⁵⁶

Resumindo, a América Latina representada nessa tira cômica reproduz diretamente o repertório de imagens que se tem daquela região.

Puerto del Sol – “Cerveja Pilsen para beber debaixo do Sol”

Nossa próxima análise se refere à campanha publicitária da cerveja brasileira “Puerto del Sol” lançada em maio de 2006 pela companhia de bebidas Ambev. Decidimos incluir esse material em nosso trabalho, pois acreditamos que a publicidade também é uma forma de comunicação que contém elementos representacionais dominantes em uma determinada sociedade resultantes de um entrecruzamento de discursos anteriores. A mesma interdiscursividade observada nas produções escritas dos aprendizes deste trabalho que serão analisadas posteriormente parece repetir-se nos documentos de mídia analisados nessa seção. Em ambos contextos parece haver uma espécie de acionamento de uma memória discursiva capaz de sustentar determinadas formulações a fim de que determinados sentidos sejam produzidos.

⁵⁶

Gregolin, 2000:22

Segundo Quin, "os meios de comunicação reforçam as opiniões gerais das pessoas e servem para definir o conteúdo do estereótipo para seu público, recorrendo à apresentação e repetição de representações coexistentes."⁵⁷ Na campanha em questão, podemos ver claramente como as representações do contexto latino-americano são apresentadas e reforçadas.

Começaremos nossa análise pelo rótulo e pela embalagem do produto que aparecem a seguir para, posteriormente, analisarmos a propaganda veiculada na televisão.

Segundo informações da própria assessoria de imprensa da empresa, a embalagem transparente long neck, como podemos observar a seguir, traz no rótulo “ícones latinos” e utiliza o vermelho, pois é uma cor “quente e vibrante que predomina nesse universo”.



Chama-nos a atenção o uso da expressão “ícones latinos” no plural, uma vez que a única imagem que se vê no rótulo é a de um senhor com um poncho, com longos e espessos bigodes que parecem remeter-nos à figura do mexicano Emiliano Zapata. Recorre-se à imagem de um personagem histórico, conhecido por sua origem humilde e pela luta a favor dos índios oprimidos, a fim de representar toda uma região. As semelhanças entre o personagem da embalagem e o herói nacional mexicano podem ser comprovadas na comparação a seguir:

 57

1996:5



(Fonte: www.co.uk)

Uma vez mais a América Latina está marcada pela imagem estereotipada da desordem e das revoluções que parece ter relação com o mesmo espaço geográfico e político ao qual fazíamos referência na seção “Percurso histórico” deste trabalho.

Outro elemento que vale a pena ressaltar nesse pacote de “ícones latinos” é o tom amarelado da cerveja que, acondicionada em uma garrafa transparente, contrasta com o vermelho vibrante do rótulo, que nos transporta a uma América Latina eternamente ensolarada, com praias, sensualidade e diversão (o próprio *slogan* da cerveja nos obriga a comportar-nos assim: Cerveja Pilsen para beber debaixo do sol).

A serigrafia do rótulo, bem como a fonte das letras utilizadas na embalagem, é também uma alusão a esse universo, já que parecem referir-se aos desenhos das antigas civilizações indígenas que povoaram essa região ao longo dos séculos. Vale a pena comentar que a serigrafia, processo de impressão cuja tinta é vazada através de uma tela preparada, tem sua origem em sociedades ancestrais do Oriente, como China e Japão, que usavam o estêncil para a aplicação de padrões em tecidos, móveis e paredes.

Analisaremos também a campanha veiculada na televisão à época do lançamento do produto e agora perceberemos, com mais intensidade, todos os elementos analisados na primeira parte desta seção. É evidente que nesse

comercial estão presentes os elementos mais comuns que costumam fazer parte dos comerciais de cerveja no Brasil (sol, praia e mulheres), mas há um certo esforço em latinizar esse espaço discursivo tão conhecido do consumidor brasileiro.

O filme parece querer reunir, em trinta segundos de veiculação, o maior número possível de estereótipos circulantes no imaginário do espectador; contabilizamos, ao menos, quinze na construção desse espaço, ou seja, 1 elemento estereotipado a cada dois segundos.

O vídeo começa com a imagem (**cena 1**) de uma praia com um forte pôr-do-sol atrás de uma montanha e, de fundo, uma versão em espanhol de uma música de axé brasileiro de muito sucesso no Brasil no final dos anos 90.⁵⁸



cena 1

Soa-nos curioso a utilização de um ritmo brasileiro tão popular em uma ambientação que se diz "representada principalmente pelo Caribe", o que parece ser uma tentativa de aproximação com a América Latina sem se desprender das nossas "raízes" brasileiras. Isso também aparece no modo de falar do locutor do filme que possui um forte sotaque de um hispano falando português, uma vez que percebemos marcas fonéticas típicas de um falante dessa região que não domina completamente os sons da língua portuguesa.

⁵⁸ . "En la isla del sol. Oh Milla, mil y una noches de amor con usted, viviendo este sueño de estar a su lado en la playa, en un barco, en un farol apagado, en un molino abandonado, en las olas del mar, en la isla del sol, en el puerto del sol."

No plano seguinte, vemos um quiosque (**cena 2**) com uma passarela de acesso à praia com uma placa onde se lê "Puerto del Sol", acompanhado de um cacto típico das regiões desérticas e um *sombrero* de estilo mexicano.



cena 2

Nesse ambiente, há mulheres e homens brancos em trajes de banho dançando e bebendo, exceto três personagens: um branco e um negro de camisa verde que parecem ser os "monitores" do local contratados para animar e ensinar os "turistas" a dança local, e o "barman", quem faz malabarismos com as garrafas de cerveja. Esses parecem representar os "moradores locais" que estão sempre se divertindo usando, inclusive, desse "conhecimento" para ganhar a vida com dinheiro estrangeiro. (**cenas 3, 4 e 5**)



cena 3



cena 4



cena 5

Não podemos deixar de perceber a estreita semelhança desse espaço que se cria para enunciar a América Latina com o documento analisado anteriormente, em que o cartunista Laerte apresenta uma mesma região rústica e pouco civilizada onde imperam a diversão, o lazer e a falta de compromisso com a vida profissional. *Puerto del Sol* é a *terra* do sol, da praia, dos esportes e do ritmo caribenho.

No entanto, esse lugar é perfeito, o que não poderia ser diferente em uma propaganda brasileira de cerveja. Corpos perfeitos e pré-dispostos para a dança; lindas mulheres morenas com poucas roupas, quase nuas; e um tom de pele que lhes dá um certo ar indígena (observe que não há nenhuma loira em primeiro plano). Não seria de se estranhar se, em um dado momento do filme, uma gigantesca caravela portuguesa aparecesse ao fundo, navegando pelo mar esverdeado. Aliás, as imagens as quais o telespectador é exposto nesse comercial nos faz lembrar os relatos deslumbrados dos colonizadores portugueses à época do "descobrimento" do Brasil em que, em certos momentos, descreviam o corpo do índio local:

"A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos [...] E não comem senão desse inhame [...] e dessas sementes e frutos [...]. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto,

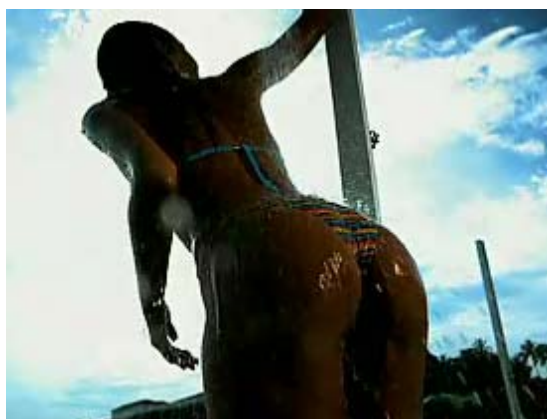
com quanto trigo e legumes comemos."⁵⁹

Coincidentemente, desde aquela época já se faziam referências e super valorizações ao corpo feminino local, como podemos notar em outro trecho do mesmo documento e a seguir nas **cenas 6 e 7**:

"E uma daquelas moças era toda tingida [...] e era tão bem feita, e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela."⁶⁰



cena 6



cena 7

O tratamento dado à natureza também é outro aspecto a ser considerado em nossa análise. Nas cenas apresentadas no filme publicitário, as construções civis dão lugar a um cenário paradisíaco e selvagem constituído por típicas palmeiras e cactos que adornam um bar rústico feito de sapê, o que nos causa uma certa estranheza, uma vez que a primeira é típica de regiões tropicais com pouca drenagem ou alagamentos regulares e, a segunda, se desenvolve em ambientes

⁵⁹ Pero Vaz de Caminha (apud Barros: 19)

⁶⁰ Ibidem, pág. 19

extremamente áridos.⁶¹ Essa planta aparece no portal de entrada e também como enfeite em cada uma das mesinhas dispostas ao longo do quiosque.

Isso nos faz lembrar o relato de Américo Vespúcio ao descrever, atônito, as terras encontradas: "As árvores são de tanta beleza e tanta suavidade que nos sentíamos estar no Paraíso terrestre..."⁶²

As **cenas 2 e 8** comprovam o que acabamos de dizer:



cena 8

Outro aspecto interessante encontrado é o domínio que o "local" tem sobre a natureza. Em um dado momento de outra versão do mesmo filme encontrada na Internet, um dos personagens sai correndo para trazer de volta o sol que já estava se pondo e, com uma cortada de vôlei, garante assim a prolongação da festa daqueles habitantes. Ver **cenas 9, 10 e 11**.



cena 9



cena 10

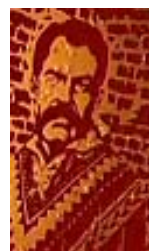


cena 11

⁶¹ Informações obtidas do site www.wikipedia.org
⁶² apud Galeano – pág. 25

O ato de "reintegrar" o sol ao contexto da festa dos "locais" parece remeter-nos às riquezas abundantes encontradas pelos europeus ao chegarem em terras americanas. Esses, deslumbrados com o que acabaram de encontrar, chegam a descrever a região como o seguinte trecho da carta de Cristovão Colombo: "do ouro se faz tesouro, e com ele quem o tem faz o que quiser no mundo e chega a levar as almas ao Paraíso."⁶³

Para concluir nossa análise, não podemos deixar de comentar a forma em que se optou para concluir o filme. Ao fundo, os "locais" vão deixando o local da "festa" em um trezinho humano e, em primeiro plano, surge a figura do suposto Zapata do rótulo piscando para o telespectador, como podemos notar na seguinte seqüência:



A piscada final do personagem nos é muito representativa, pois parece reforçar a imagem estereotipada que se tem do povo latino-americano, a do eterno malandro.

Todos esses símbolos analisados até aqui parecem ser a materialização das imagens reducionistas que alguns brasileiros têm da latinidade, seu estilo de vida, cultura e valores, podendo-se inclusive "fazer o que quiser", desde que tenha disponível, como afirma Colombo no trecho citado anteriormente, tal variedade de riqueza natural como a presente outrora em nossas terras.

⁶³

Ibidem:25

Podemos encontrar nesse documento um exemplo da imagem contraditória que defendemos haver com relação à língua espanhola, contrapondo-se à imagem já descrita quando nos propusemos a analisar a obra "Nove Rainhas". Enquanto aqui parece evidenciar-se a língua inserida em situações de descontração dadas em regiões menos desenvolvidas, na tradução do filme argentino notamos um idioma tido como correto e idealizado.

Tudo isso materializado em uma determinada cenografia⁶⁴ e, é através dessa, que certas enunciações aparecem. A cenografia, ainda segundo Maingueneau, não é apenas um determinado quadro que dá materilização ao enunciado. É, também, o esforço da enunciação em se construir como fala. A cenografia não apenas a de uma praia chamada "Puerto del Sol", com muita cerveja, praias e mulheres seminuas; é também o que se fala desde aquele lugar, "a cenografia é ao mesmo tempo a fonte do discurso e aquilo que ele engendra."⁶⁵

O mais curioso é que, segundo a própria empresa produtora, a "criação do produto foi baseada em pesquisas e no desenvolvimento da cultura latina no Brasil", "trabalhamos com o aspiracional da latinidade, que é representada principalmente pelo Caribe."⁶⁶ Mas que "cultura latina no Brasil" é essa? Quem a representa? De quem são essas vozes? Os símbolos selecionados para a caracterização desse espaço são os marcos de referência selecionados que orientam as percepções dos consumidores dessa cerveja; através da simplificação e da generalização, os publicitários responsáveis pela criação da imagem do produto fomentam o universo estereotipado do mundo latino.

⁶⁴ Usamos o conceito de "cenografia" de Maingueneau (2001:87)

⁶⁵ Ibidem (pág. 87)

⁶⁶ O leitor poderá encontrar nos anexos finais o texto completo divulgado pela assessoria de imprensa á época do lançamento do produto.

No entanto, os sentidos produzidos nessa campanha publicitária nada mais são do que a reprodução de outros discursos que circulam na sociedade brasileira acerca da cultura latina e que agora são retomados, uma vez que, assim como dissemos na Introdução deste trabalho, essas representações atuais são atualizações de discursos produzidos anteriormente. A voz que "ouvimos" é a voz de quem faz a propaganda selecionando imagens para vender a cerveja, e essas carregam consigo instruções explícitas que orientam a interpretação que o público deve fazer sobre o produto, ainda assim a empresa diz criar uma cerveja como essa para "atender às expectativas de um público que valoriza cada vez mais o estilo de vida, cultura e valores latinos." Assim como afirma Maingueneau⁶⁷, o discurso publicitário mobiliza certas cenografias para que, na medida que persuade seu co-enunciador, essas possam captar o imaginário desse "leitor" / "telespectador" para então atribuir-lhe uma identidade, "por meio de uma cena de fala valorizada."

O que notamos aqui é a descrição de um local em que não há lugar para o progresso e para o desenvolvimento, assim como a América Hispânica fantasiada pelos monarquistas brasileiros citados anteriormente, uma vez que esses personagens só parecem ter disposição para a diversão e o ócio. Mesmo havendo uma certa civilidade presente no filme, como um bar bem organizado e uma dança ritmada, ainda assim isso seria insuficiente para considerar essa gente civilizada e produtiva. Essas representações são justamente contrárias à crença que se tinha na estabilidade e na prosperidade de um país monárquico. A desordem da região parece estar representada por todos esses elementos analisados anteriormente: um lugar "selvagem", ainda que paradisíaco, pouco explorado e com escassos sinais de

⁶⁷

2001:90

civilidade, além da presença de moradores “preguiçosos” que passam o dia dançando, inclusive os que estão trabalhando.

É como colocar um refletor sobre apenas partes de um cenário, selecionando uns objetos de cena e não outros.

Viva o carnaval latino-americano

Nossa última análise tem a atenção voltada para documentos coletados na mídia jornalística, mais especificamente editoriais e fotos de jornal impresso, revista e da Internet.

Durante a elaboração deste trabalho, a cidade do Rio de Janeiro foi palco da 32ª reunião de Cúpula do Mercosul e reuniu, entre os dias 18 e 19 de janeiro de 2007, presidentes dos países-membros desse bloco econômico, além dos presidentes Hugo Chávez, da Venezuela, Evo Morales, da Bolívia e o colombiano Álvaro Uribe. O encontro foi marcado, sobretudo, pelas divergências e atritos econômicos entre alguns chefes de estado sobre temas como a entrada definitiva da Bolívia ao bloco e o alívio nas regras comerciais para o Uruguai e o Paraguai.

No entanto, o nosso propósito não é, em hipótese alguma, analisar e questionar os entraves comerciais e políticos do bloco, nem as discussões travadas pelos seus líderes; não está em questão, e nem caberia a nossa discussão, analisar as questões políticas e as polêmicas que se criaram nessa Cúpula, tão pouco defender a eficácia ou não dos ideias bolivarianos e anti-americanos que permearam todo o encontro.

Nosso foco é justamente o "cenário" e as "fantasias" em que esses personagens foram inseridos pelos meios de comunicação. O que nos interessa para este trabalho é justamente entender como essas discussões foram tratadas pelos meios jornalísticos, quais elementos representacionais foram selecionados,

entre tantos outros possíveis, para “desenhar” o cenário pelo qual circulariam os personagens envolvidos na notícia.⁶⁸

O clima de “carnaval”, às vezes substituído pelo “picadeiro circense”, além de um certo ar de “inutilidade” da região, esteve presente em todos os documentos coletados para essa análise.

O texto que mais nos chama a atenção, talvez por seu deliberado teor carnavalesco, é o do jornalista e produtor musical Nelson Motta, “Alegorias carnavalescas”.⁶⁹ Ali, o leitor é convidado a “assistir”, quase que de camarote, ao desfile de uma América Latina hispânica recheado de elementos estereotipados que ainda reforçam o imaginário internacional que se tem dessa região, incluindo o Brasil.

O autor começa seu ensaio descrevendo o desfile de carros alegóricos cujas as principais atrações são os presidentes venezuelano e boliviano, e os seus adereços mais típicos (e estereotipados):

"No primeiro carro alegórico ... vem o grande líder bolivariano Hugo Chávez, em seu uniforme multicolorido, com seus alamares, borlas e dragões dourados, sob o imenso quepe, e com o peito pesado de medalhas, cercado por seguranças fantasiados de astecas e lindas morenas de seios de fora. A bateria explode, a torre de petróleo cenográfica lança jatos de chocolate, a massa delira e se lambuza, como se fosse melado comido pela primeira vez."

E continua:

"Logo atrás...cercado por plantas de coca cenográficas e por belas índias seminuas, com a segurança em trajes típicos dos

⁶⁸ Todos os textos utilizados para a análise desta seção se encontram anexados no final deste trabalho.

⁶⁹ Folha de São Paulo (edição de 19 de janeiro de 2007). Versão disponível no link: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1901200705.htm>

Andes, o grande líder cocaleiro Evo Morales acena para o povo, com sua touca multicolorida lhe cobrindo as orelhas e seu casaco de pele de lhama."

Assim como nos documentos midiáticos analisados anteriormente, nesse também podemos encontrar pistas que nos remetem a uma região "exótica", marcada pelas manifestações festivas alegres presentes até mesmo nas questões políticas mais profundas como a integração de um grupo de países. Como diz o próprio autor do texto, a integração latina se dá pelo "caminho da festa, especialidade dos hermanos brasileiros."

A expressão "*hermanos*" também deve ser ressaltada, pois seu uso é difundido pelos meios de comunicação quando esses se referem aos habitantes dos países latino-americanos, sobretudo os do América do Sul, por sua proximidade com o Brasil. Ela não é usada para referir-se aos espanhóis. Essa expressão coloca a irmandade como voz do outro, e o mais interessante na sua utilização é a intenção que parece haver na escolha dela para referir-se a essa gente, uma falsa afetividade que projeta uma superioridade do enunciador.

Esse espaço, que parece querer (re)produzir no leitor/espectador o mesmo efeito de assombramento que tiveram os europeus ao chegarem a este lado do planeta, é o lugar das festas, das manifestações populares em que os personagens vestem fantasias ("uniforme multicolorido" / "seguranças fantasiados de astecas" / "belas índias seminuas" / "segurança em trajes típicos dos Andes" / "touca multicolorida" / "casaco de pele de lhama.") e circulam por um lugar em que nada parece ser real, são apenas adereços cenográficos ("torre de petróleo cenográfica lança jatos de chocolate", "imensas plantas de coca cenográficas").

Tudo isso parece ser uma espécie de ritual de demonstração de civilidade em que a sua descrição detalhada funciona como ilustração para marcar a diferença

entre o mundo civilizado e o mundo selvagem. Essa intenção percebida no texto do jornalista nos faz lembrar a "cena de recepção" que os índios fazem a Cabral à época da colonização e que Edward Lopes descreve da seguinte maneira:

"Ali estava, pois, no centro do palco – como principal, o Capitão, bem vestido e assentado, a afirmar, na pose de maioral no trono, sua condição de ator- não natural (o estar vestido atesta, agora, sua condição de /humano/), paramentado de /civilizado/, cujo corpo, coberto de coruscantes trajes, armas, adornos e condecorações, torna patente, através desses significantes /humano/ + /civilizado/ + /detentor do poder/, perante aquelas espantosas criaturas avermelhadas que no corpo usavam pinturas no lugar de roupas e cuja nudez seria fatalmente lida pela competência semiótica dos cristãos como o significante fugurado da 'inocência'..."⁷⁰

Nesse texto também está presente um velho estereótipo que ainda circula sobre a região, sobretudo sobre a Bolívia e a Colômbia: a América Latina como lugar das drogas ilícitas. Mas como estamos falando do "paraíso terrestre", ali tudo está permitido, uma vez que "os canhões do carro despejam chuvas de folhas de coca sobre o público, todo mundo ligado até o 'grande amanhã' chegar." O sentido das expressões 'chuvas de folhas de coca' e 'ligado' ultrapassam a intenção de crítica política, para "transportar" o leitor a outra dimensão da história.

Em se tratando de carnaval, a música não poderia deixar de ter também o seu espaço nesse cenário de festa e comemorações. Instrumentos típicos dessa região são convocados para animar as reivindicações daquela gente:

⁷⁰

Edward Lopes – 2000:18

"No refrão da salsa-enredo, as congas e timbales repicam e todos gritam, de punhos fechados: "Patria o muerte!". Depois o refrão muda para "socialismo o muerte!", as mulatas rebolam, as índias se sacodem. De mãos dadas e braços para o alto, todos gritam: "Revolución o muerte!" (...) O enredo "O Mundo Mágico do Perfeito Idiota Latino-americano", versão 0.7, começou a ser ensaiado nesta semana no Rio."

Percebemos uma vez mais como certas palavras ou expressões parecem ser recorrentes nas descrições em textos cuja a América Latina, o seu povo e a sua natureza, são os protagonistas, como por exemplo a seqüência de expressões utilizadas pelo autor do texto para referir-se à América Hispânica ("Patria o muerte!" / "Socialismo o muerte!" / "Revolución o muerte!"). Ali, a palavra 'morte', presente nas três seqüências vem acompanhada de palavras correlacionadas ideologicamente ('patria', 'socialismo' e 'revolución'). Pensamos que essas palavras podem entrar em paráfrase com "Independência ou Morte", grito atribuído a D. Pedro I, às margens do riacho Ipiranga, ao declarar o rompimento da dependência do Brasil com Portugal. É a América Latina "anarquista" e "desorganizada" em mais um exemplo de estereótipo que se tem sobre a região.

No entanto, em alguns casos, o "carnaval" latino-americano aparece sob uma nova roupagem: o circo. Em um editorial do O Estado de São Paulo⁷¹, o desfile de personagens "históricos" na rua de alguma cidade latino-americana dá espaço ao picadeiro em que o anfitrião do encontro assume um papel de "palhaço" fora de si que não consegue enxergar a situação: "[se] o presidente Luiz Inácio Lula da Silva tiver tido um instante de lucidez, deve ter corado até os artelhos com as agressões e gozações que sofreu do companheiro Chávez. Mas é pouco provável" e, ao referir-

⁷¹ O Estado de São Paulo (edição de 20 de janeiro de 2007). Versão disponível no link: <http://txt.estado.com.br/editorias/2007/01/20/edi-1.93.5.20070120.3.1.xml>

se ao acordo firmado entre o Brasil e a Venezuela para a construção de um gasoduto até Recife, dispara: “Também para isso não seria necessário armar um circo tão amplo diante da Praia de Copacabana. A paisagem, pelo menos, deve ter compensado o esforço.”

A região é descrita como um lugar que não devemos levar a sério, uma vez que se trata, para usar as palavras de um outro editorial publicado pelo mesmo jornal no dia anterior, “de mais um surto de fantasia geopolítica” onde prevalecem o “delírio” e a “ficção”.

O mais interessante é perceber o diálogo que há entre os diversos textos coletados em diferentes jornais e revistas que se propuseram a descrever e analisar tal encontro político. E afirmar aqui que há um “diálogo” entre esses documentos, significa dizer que as representações são as mesmas, as regularidades discursivas estão presentes nessa espécie de colcha de retalhos que se forma quando o assunto é a América Latina hispânica dos meios de comunicação. O que parece haver aqui, uma vez mais, é o entrecruzamento de diálogos do presente e do passado, “inventando-se um fio condutor que deseja impor uma continuidade histórica.”⁷²

No entanto, esse diálogo se completa quando analisamos os elementos visuais selecionados para ilustrar os acontecimentos. As fotos que acompanharam as notícias de caráter mais jornalístico também seguiram a tendência em carnavalizar o evento, torná-lo um registro “fiel” da festa em que se tornara o encontro de chefes de Estado da América do Sul, como podemos observar a seguir:

⁷² Expressão usada pela professora Maria Lígia Coelho Prado no artigo “Bolívar em várias versões” (bibliografia no final deste trabalho)



foto 1

Fonte: <http://oglobo.globo.com/economia/fotogaleria/2007/1300/default.asp>

legenda foto 1:

“O presidente venezuelano, Hugo Chávez, observa passista da Vila Isabel durante apresentação da escola para a cúpula do Mercosul” (EFE)



foto 2

Fonte: <http://www.estadao.com.br/ext/especial/extraonline/galerias/economia/2007/01/18/14154400>

legenda foto 2:

"Samba - Após jantar oferecido aos presidentes do Mercosul, que teve também a presença de governadores e empresários, os chefes de Estado assistiram a uma apresentação da escola de samba Portela"

Em ambas as fotos, podemos notar que aparecem em primeiro plano elementos representativos do Carnaval brasileiro como mulheres negras semi-nuas vestindo adereços típicos como penas e adornos brilhantes. Assim como o cenário da cerveja *Puerto del Sol*, aqui percebemos outra vez a mulher como a principal representante da latinidade, seja em festas improvisadas na praia ou em reuniões de cúpula, convertendo-se assim num objeto valorizado. Essas imagens reforçam o estigma da condição de naturalidade selvagem da América Latina que, mais uma vez, remete seus leitores à época da chegada dos colonizadores em nosso

continente. Não podemos negar a função da fotografia em registrar fatos reais, mas também não devemos acreditar que essa represente uma naturalidade que não esteja carregada de elementos deliberadamente escolhidos, ou rechaçados, para aparecerem no campo de visão do leitor.

Outra representação encontrada nos documentos é a de uma região ainda não preparada para reuniões políticas como o fazem os países “civilizados”.

No mesmo editorial do O Estado de São Paulo de 20 de janeiro, alguns imaginários latinos já citados neste capítulo também são acionados, como a “não civilidade da região”, “baixaria e inutilidade” dos locais e a “falta de bom senso”.

O parágrafo de abertura começa afirmando que “não poderia faltar uma dose de baixaria na lamentável e inútil conferência de cúpula do Mercosul, no Rio de Janeiro, encerrada ontem. Quem previu uma reunião apenas improdutiva e marcada pela retórica terceiro-mundista pecou por otimismo. A realidade foi pior.” Mais adiante, os autores afirmam que “Morales e Chávez não vieram ao Brasil para discutir de forma civilizada projetos de interesse comum, mas para ditar palavras de ordem e proclamar novos tempos para a região”, para logo mais dizerem que “uma das poucas manifestações de bom senso foi o pronunciamento da presidente chilena, Michelle Bachelet.” (os grifos são nossos)

A revista semanal Veja daquela mesma semana também brindou seus leitores com um discurso nacionalista exacerbado marcado pelo destacamento dos aspectos negativos dos outros países latinos em defesa do próprio crescimento econômico nacional. Em seu “Carta ao leitor”, um breve editorial que comenta algum assunto importante da semana, a revista deixa claro, logo nas primeiras linhas, a sua posição contrária aos acordos firmados entre o nosso país e aqueles países sul-americanos. Como podemos ver a seguir:

"Falta um trecho para o Brasil chegar à estrada asfaltada que nos levará sem solavancos ao desenvolvimento sustentado. Falta um ambiente de negócios menos hostil à inovação, falta incentivo à produtividade e, principalmente, falta um Estado com o mesmo manequim do PIB e que controle sua fome insaciável por recursos. Mas não ocorre a ninguém minimamente responsável no Brasil a idéia de retroceder um centímetro do ponto a que se chegou até agora. Somos um país que vive um inédito consenso em torno dos fundamentos da vida civilizada – a democracia e a estabilidade econômica, o progresso social pela melhoria dos padrões educacionais e a integração aos fluxos globais de idéias e práticas sociais e ambientais sadias."⁷³

Para os editores da revista, os (des)encontros ocorridos no evento político foi um "choque" onde "as virtudes celebradas e cultivadas no Brasil estão sendo demolidas". O discurso levantado pela revista é o mesmo dos outros editoriais publicados pelos jornais citados anteriormente, em que aparecem personagens despreparados (como os 'caciques populistas' a que a *Veja* cita posteriormente no mesmo texto) cuja irrelevância dos seus governos pode abalar a estabilidade que o Brasil vem conquistando nos últimos anos. E uma aproximação desses países com o Brasil significa abalar "a democracia e a estabilidade econômica, o progresso social pela melhoria dos padrões educacionais e a integração aos fluxos globais de idéias e práticas sociais e ambientais sadias."

A essa altura, o leitor atento deste trabalho terá a impressão de já haver lido isso anteriormente. E terá razão, uma vez que os documentos analisados para essa seção parecem nos remeter, em menor ou maior escala, aos anos monárquicos no Brasil em que esse procurou distanciar-se da América Hispânica "caótica" e

⁷³

Veja – edição 1992 – ano 40 – nº 3 de 24 de janeiro de 2007

"anarquista", como vimos no capítulo "Percurso Histórico". Os textos aqui reunidos parecem ser um eco daquele discurso desesperado dos monarquistas. Embora já não se trate de monarquistas, e sim de setores da elite interessados nas alianças com outros blocos e países, fundamentalmente os E.U.A., o que acontece é que elementos do discurso se aliam com essa nova ideologia e, a reprodução desse discurso, parece servir para que o nosso país se distancie da "planta exótica" que é a América Hispânica. E agora temos a impressão que a história se repete, nem que seja necessário "carnavalizar" a região e os acontecimentos políticos como a Cúpula do Mercosul.

O texto da revista ressalta as conquistas econômicas do Brasil e o perigo que essas correriam com uma aliança mais estreita com países vizinhos como Venezuela, Bolívia e Equador. Para a revista, a liderança do Mercosul deve estar em mãos de países de "economia maior, mais moderna e mais complexa ", como o Brasil e a Argentina. "Como a chilena, a economia brasileira é vista pelo mundo como produto de uma civilização distintamente melhor do que a da América do Sul."

Já os textos publicados pelo O Estado, menos fervorosos que o da Veja, também lamentam os temas que não foram discutidos na Cúpula para que o discurso "socialista do século XXI" tivesse seu devido espaço.

No entanto, para lograr tal efeito, esses veículos utilizaram um discurso que parece remeter-nos ao que vimos durante o Império brasileiro: apontar os defeitos dos sistemas contrários à Monarquia para justificar as suas crenças políticas. Acredita-se, como se acreditou no passado, na "civilização, ordem e estabilidade, qualidades que acreditava 'européias', e que o distinguiam de seus turbulentos vizinhos." ⁷⁴

⁷⁴

Santos – 2004 : 67-68

Essa situação é claramente representada pelo quadro criado pela revista *Veja* para ilustrar a atual situação do nosso país com relação aos outros países do bloco sul-americano. Como podemos notar na página 64 deste trabalho, o Brasil se isola do "perigo" hoje como se isolou dos países americanos naquele século XIX.

No lado direito do quadro, isolado da "outra" América Latina, está o desenho do presidente do Brasil, uma figura de olhos arregalados e assustados ante a possibilidade de invasão dos "selvagens" latinos, que parece tentar, ao mesmo tempo, proteger seu território das ameaças externas vizinhas que chegam a cavalo. Para isso, algumas seleções foram feitas pela equipe de arte da revista.

É notável a forma como o presidente se posiciona, fisicamente, diante dos outros presidentes. Isolado em seu "curral", Lula se impõe enchendo o peito, abrindo as pernas e fincando-as no chão de forma defensiva. Como delimitação geográfica estão também, além da já citada cerca de isolamento, a bandeira nacional acompanhada de uma placa onde se lê: Brasil.

A bandeira nacional, criada em 1889 e inspirada na bandeira do Império, não deixa de ser uma forma de comunicação carregada de significações que "atuam na sistematização de ideologias, no reconhecimento e oposição entre grupos", é um emblema que "pode condensar sentidos e significar o que se quer reter politicamente como traço distintivo de um grupo."⁷⁵ Dessa forma, e seguindo o raciocínio desenvolvido anteriormente, a bandeira hasteada à porta do país é a garantia do "Ordem e Progresso" que atualmente figura no centro da nossa bandeira em lugar da coroa imperial.

Assim como um objeto como a bandeira nacional vem carregado de significações, as cores escolhidas para a representação dos países no mapa que

⁷⁵

Castelfranchi (Ver bibliografia completa ao final deste trabalho)

aparecem sob seus pés também nos faz crer que foram cuidadosamente escolhidas para transmitir uma determinada mensagem.

O verde que obviamente ilustra o Brasil parece querer reforçar o nacionalismo e os seus próprios interesses; enquanto que países de economia menor e menos ameaçadores para o nosso país, como o Uruguai e o Paraguai, estão em branco que, segundo pesquisamos informalmente, significa inocência e pureza.

Quanto aos países "invasores", foi-lhes dado um tom alaranjado que, assim como o vermelho que aparece nas caixas com os nomes desses países, podem simbolizar, entre outros sentimentos, o sangue, a violência ou a agressividade. Para proteger-se desses perigos externos, o país está isolado por um forte, edificação para proteger um lugar estratégico de ataques inimigos, que nos remete aos períodos de confronto entre brancos e índios em toda a América. No centro, encontra-se um presidente brasileiro com expressões faciais europeizadas que não lhe parecem próprias, uma vez que remetem o leitor às imagens de pessoas destacadas da História, sobretudo as do século XIX.

Outras delimitações étnicas também são percebidas nessa arte. Os personagens da cena são apresentados, com exceção do presidente argentino, com seus trajes típicos, ora fazendo referências a militares ora aos índios e seus típicos ponchos. O vocabulário utilizado para referir-se a esses personagens também reforçam a posição da revista sobre aqueles países. Enquanto a Venezuela é comandada pelo "cacique de todos os caciques malignos" que financia "arruaceiros nos países vizinhos", a Bolívia, representada pela figura de Evo Morales, "mobiliza índios em pé de guerra para depor na marra governadores opositoristas."

CERCADO DE RAIVA E IRRELEVÂNCIA

A anarquia e a instabilidade promovidas por caciques populistas nos países vizinhos colocaram o Brasil em situação de sítio: como um forte assediado por índios, o país é um bastião de estabilidade e responsabilidade política e econômica encurralado em um continente raivoso e irrelevante

EQUADOR

O país, que teve sete presidentes nos últimos dez anos, ficou ainda pior: deu posse na semana passada a **Rafael Correa**, um seguidor de Chávez, que já anunciou que vai reescrever a Constituição sem levar em conta o Congresso Nacional eleito pelo povo

BOLÍVIA

Um clone de Chávez, **Evo Morales** agora mobiliza índios em pé de guerra para depor na marra governadores opositores. Do ponto de vista econômico, desapropriou os investimentos estrangeiros e isolou o país, o mais pobre da América do Sul

VENEZUELA

É o cacique de todos os caciques malignos. Caudilho de tradição caribenha, **Hugo Chávez** usa o lucro farto do petróleo para financiar amancebos nos países vizinhos. Sua última façanha foi aliar-se aos muçulmanos fanáticos do Irã, empurrando a América Latina para dentro do conflito no Oriente Médio

BRASIL

O presidente **Lula** manteve os fundamentos de estabilidade econômica herdados do governo anterior e não tenta subverter as regras do jogo político para se tornar um ditador de opereta. A inflação é baixa, e os investimentos externos estão aumentando

O BRASIL NÃO ESTÁ SÓ

Outros países sul-americanos também rejeitaram o populismo

CHILE

A socialista **Michelle Bachelet** dá continuidade à política de estabilidade e abertura econômica que garante ao país o crescimento mais sólido da região. O Chile, a nação sul-americana com melhores chances de chegar ao Primeiro Mundo, cresceu 5% em 2006

COLÔMBIA

O presidente **Álvaro Uribe** quer atrair mais investimentos externos e estimular o turismo no país, prevendo que o alto preço das commodities – que permitiu um crescimento de 5% do PIB em 2006 – não vai durar para sempre. Para atrapalhar, os narcoterroristas, amigos de Cuba e da Venezuela

ARGENTINA

O país poderia estar melhor não fossem as excentricidades e o populismo do presidente **Néstor Kirchner**. O peronista bajula Chávez, de quem pegou algum dinheiro, e faz de tudo para torpedear o comércio com o Brasil

Fonte: http://veja.abril.com.br/240107/popup_inter01.html

Capítulo 3

Análise de produção de alunos

“Não existe uma língua portuguesa. Existem línguas em português”.

(José Saramago no documentário: “Língua – vidas em português”)

Alguns exemplos

A partir dessas primeiras reflexões expostas na seção anterior, e *baseando-nos* na nossa experiência docente em institutos de línguas, fomos coletando exemplos de fenômenos que nos fizeram refletir e aprofundar nossa discussão sobre essas possíveis imagens como produtos dessa história.

Pudemos notar que há uma tendência em optar por construções pertencentes ora a um estágio anterior ao do português falado atualmente no Brasil ora pertencente a outros espaços enunciativos, como Portugal ou a Itália. No momento de se inscrever nessa trama imaginária de sua interlíngua, esses alunos parecem ser convocados a falar como brasileiros.

Por isso, não devemos descartar as questões históricas e sociais existentes entre a América hispana e o Brasil, e como essas questões são responsáveis, mais cedo ou mais tarde, pelas influências entre o espanhol e o português. “Hoje na tentativa de difundir o espanhol no Brasil e o português nos países do Mercosul, pensa-se a questão como que se começasse do zero. E isso, obviamente, não é assim. Há uma experiência natural, espontânea, histórica de uma integração pacífica que dá como resultado uma variedade que não se deve descartar como um antecedente válido de relacionamento entre lusos e hispanos”.⁷⁶

Conseqüentemente, tal fenômeno tem alterado o rumo e o enfoque das minhas aulas.

⁷⁶

Elizaincín – 2002:9-10

Recolhi, durante esses anos, alguns exemplos que podem ilustrar o problema exposto neste trabalho. Devemos esclarecer que os seguintes enunciados são produções de alunos brasileiros de São Paulo com diferentes níveis de língua e de idade. Observe os exemplos:

1) “Miguel de Cervantes fora un escritor muy famoso”.

2) “Estoy a trabajar en el departamento de finanzas”.

3a) “Los apartamentos localizan-se en el centro de la ciudad y allí viven cerca de 4 personas”.

3b) “... y las casas dividense en dos habitaciones; baño, cocina, sala y cochera”.

O exemplo (1) nos parece o mais interessante de todos os coletados, pois foi produzido por um adolescente, de aproximadamente 15 anos, da primeira série do Ensino Médio. Embora no falar brasileiro atual o pretérito mais-que-perfeito (“*fora*”) seja um tempo verbal reservado apenas aos textos escritos mais formais e melhor elaborados como a literatura e a mídia impressa, esse aluno opta por uma conjugação pois desconhece os tempos verbais passados da língua espanhola. Essa transferência verbal do português para o espanhol se dá, fundamentalmente, pela falta de conhecimento da estrutura da língua alvo.

É necessário explicar que se tratava de uma atividade proposta em uma sala de alunos iniciantes que ainda não haviam aprendido formalmente nenhum tempo verbal pretérito, de modo que aqueles alunos deveriam produzir apenas frases simples com o presente do indicativo sobre personalidades hispânicas, vivas ou não.

Consideramos o segundo exemplo (“Estoy a trabajar en el departamento de finanzas”) como o mais representativo do que viemos desenvolvendo ao longo deste trabalho, pois traz consigo fortes marcas que nos levam a concluir que no imaginário do falante brasileiro ainda persiste a imagem de que a língua do Brasil ainda é o português de Portugal. Trata-se de uma construção sintática de um português europeu que ainda carrega consigo a imagem de um português formal que justifica e influencia certas estruturas construídas pelos aprendizes brasileiros de E/LE.

Naquele momento em que foi produzido tal enunciado, o aluno, cujo nível era o intermediário do curso superior de Secretariado Executivo, justamente aprendia em língua espanhola a construção “estar + verbo no gerúndio”. Mas, no momento de construir tal oração para descrever as suas atividades laborais, escolheu uma estrutura pertencente a um espaço lingüístico “distante” do seu. Produzem-se então estruturas a partir de certos padrões estabelecidos pelo português europeu.

Consideramos importante destacar, como bem lembra Celada⁷⁷, que o espanhol no território brasileiro funcionou, ao longo da história, como uma língua de escrita, e que a memória dessa língua contém marcas dessa relação. Esse idioma serviu, durante muitos anos, como um instrumento de acesso a textos estrangeiros não disponíveis no Brasil em versão em português.

Se, de acordo com Celada, o brasileiro interpreta a língua espanhola, seja essa oral ou escrita, como a (re)produção das normas escritas de um português que ficou distanciado do seu discurso oral, como sendo tocado como sujeito da colonização, podemos então notar outra vez a escolha por uma estrutura inexistente no português brasileiro coloquial atual. Seja pela insegurança de conjugar um verbo no gerúndio, seja pela “comodidade” de usar uma expressão que lhe soe, ao mesmo

⁷⁷

Celada – 2002:230

tempo, “familiar” e “correta”. Como bem diz Revuz, “o encontro com a língua estrangeira faz vir à consciência alguma coisa do laço muito específico que mantemos com nossa língua.”⁷⁸ Para a autora, aprender uma língua estrangeira é um ato racional, ao mesmo tempo, próximo e heterogêneo à primeira língua.

O terceiro e último caso (“Los apartamentos localizan-se en el centro de la ciudad y allí viven cerca de 4 personas” / “... y las casas dividense en dos habitaciones; baño, cocina, sala y cochera.”) que analisaremos aqui se refere à colocação do pronome impessoal *se*. Desde as primeiras aulas formais sobre colocação pronominal em sua língua materna, o brasileiro aprende que, segundo as normas do português culto, não se deve iniciar orações com pronomes, embora o faça coloquialmente.

Porém, ao aprender espanhol, esse mesmo brasileiro descobre que a partir de agora será diferente, que frases do tipo “Los apartamentos se localizan...” estão corretas do ponto de vista gramatical. Paradoxalmente, o que deveria ajudá-lo, já que se trata de uma construção conhecida do brasileiro, acaba confundindo-o.

Primeiramente, não poderíamos deixar de referir-nos às questões de identificação presentes no ato de aprender uma língua estrangeira. Essas, determinadas pelos fatores sócio-históricos e das memórias, explicam os sentidos produzidos nos discursos de nossos alunos brasileiros que, ao aprender E/LE se inscrevem em um “lugar” reservado à língua espanhola que, conseqüentemente, lhes exige uma série de atitudes e estratégias a fim de dar sentido àquela enunciação; e essas intenções acabam dando forma ao discurso.

Essas atitudes e estratégias se dão a partir da necessidade de buscar no português de Portugal, baseada na idéia que se tem sobre a língua falada naquele

⁷⁸

Revuz – 1998:215

país, formas que possam preencher certas lacunas que se acentuam durante o processo de aprendizagem de E/LE. Para esses enunciadores, parece ainda existir uma língua perfeita, a língua dos nossos colonizadores “superiores” e “civilizados” que respeitam as regras gramaticais. Na análise desse pequeno *corpus* percebem-se marcas da tradição eurocêntrica que nos parece existir no discurso do brasileiro.

Certamente, não podemos negar a herança deixada pela implantação da cultura européia na sociedade brasileira, mas concordamos com Marcos Bagno quando esse diz que “é o nosso eterno trauma da inferioridade, nosso desejo de nos aproximarmos, o máximo possível, do cultuado padrão ideal, que é a Europa”.⁷⁹

A problemática aqui se refere à atitude em relação à língua, em nosso caso, à língua espanhola peninsular. A importância que se dá a ela, bem como ao português europeu, faz parte dos imaginários sociais e é justificada pelas representações que os brasileiros têm dela. Não se trata simplesmente de tomar a palavra como um simples instrumento de comunicação, mas de ocupar um lugar em relação à língua e suas diferentes formas de existência, “tomar” a língua, que tem um real específico, uma ordem própria.

Para Calvet, esses “olhares” sobre a língua traduzidos, em nosso caso específico, em palavras são “normas que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais (...) e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados”.⁸⁰

A breve análise dos exemplos demonstrados anteriormente possui algumas marcas que indicam essa visão “eurocêntrica” que ainda faz parte do imaginário brasileiro acerca da língua espanhola. Neles, percebem-se as representações que o locutor dá (e se dá) de sua enunciação. O espanhol, assim como o português

⁷⁹ Bagno - 2004:30
⁸⁰ Calvet - 2002:72

peninsular, parece ser ainda um “produto” culto produzido em terras “civilizadas”, “ordenadas” e “prósperas” da Europa, muito diferente das representações sobre a América Hispânica, citadas anteriormente.

Porém não devemos nos esquecer, como já foi descrito nos capítulos anteriores, da existência de um sinuoso caminho diacrônico e contraditório de ir e vir entre a Europa e a América Espanhola; e compreender esse caminho é, pois, reconhecer duas tendências contraditórias que permeiam o interior do discurso do aprendiz brasileiro de E/LE; tendências que ora se cruzam ora se deslocam mutuamente.

Além de recorrerem a um português considerado culto, esses alunos produzem enunciados que eles não utilizariam em sua própria língua materna, pelo menos na língua coloquial. O espanhol desses aprendizes se remete a outra forma da língua portuguesa, vê-se na outra uma parte de si. Uma língua se inscreve na memória da outra, uma vez que, assim como afirma Guimarães⁸¹, “a língua é um sistema de regularidades que esquece e guarda as enunciações por que passa. E aquilo que parece ser o que lhe é próprio foi constituído enunciativamente, nos nossos termos, interdiscursivamente.” (os grifos são nossos)

Desse modo, o aprendiz brasileiro parece ativar o “imaginário lingüístico”, termo utilizado por Pêcheux⁸² para referir-se à ilusão que o falante tem de que a língua é exterior a ele e de que existem “evidências lexicais” assentadas em sua estrutura. Esse imaginário se reforça com o falso pressuposto, detectado por Celada⁸³, de que a língua espanhola é mais correta, rebuscada e formal e que, para enunciá-la corretamente, se deve recorrer a um português culto com estruturas gramaticais e unidades lexicais que já não aparecem em enunciados brasileiros ou

⁸¹ Guimarães - 1996:32

⁸² apud Celada (1999:304)

⁸³ Celada (2002:229-230)

que são pouco utilizadas no português atual. Muitas vezes o estudante acredita que o ato de aprender uma língua é ter acesso a suas palavras, sobretudo quando se trata de sistemas lingüísticos próximos como o português e o espanhol, e por isso pensa que tem o “direito de apropriar-se espontânea e imediatamente da língua do outro.”⁸⁴

Destacamos também outros enunciados detectados, ainda que em menor escala, que nos remetem a Itália e a sua língua nativa. Esse tipo de associação do espanhol com o italiano parece ser resultado da experiência do contato brasileiro com a imigração italiana dos séculos XIX-XX. Embora não estejam na mesma linha dos exemplos analisados anteriormente, acreditamos que seja mais um efeito da proximidade entre o português e as línguas latinas européias.⁸⁵

Vale a pena observá-los:

- a) “¿Algo para manjar?”
- b) “Yo fui en las playas, al Beto Carrero y andiamos del escuna.”
- c) “Como vivo acá desde que era un niño muy pequeño, a mí me gusta mucho cuesta ciudad.”

Uma vez mais, notamos a necessidade de recorrer a um vocabulário pertencente a uma civilização européia, mais antiga e mais “civilizada”.

No entanto, neste capítulo não pretendemos encarar o léxico apenas como um conjunto de palavras diretamente vinculado às ideologias de um determinado grupo social, mas sim sob quais condições de produção nossos aprendizes escolhem ou rechaçam determinado vocabulário. O nosso principal objetivo agora é

⁸⁴ Mannoni (apud Celada -1999:307-310)

⁸⁵ Essa valorização ao estrangeiro tem seu início em 1822, ano de independência do nosso país. Segundo Teyssier, “o Brasil vai, naturalmente, valorizar tudo o que se distingue da antiga metrópole, particularmente as suas raízes índias. Deixar-se-á influenciar pela cultura da França e acolherá também imigrantes europeus de nacionalidade diversa da portuguesa.” (2004: 96-97)

saber segundo que regras um enunciado foi construído e como esse aparece, e não outro em seu lugar.

Pretendemos assim analisar as interferências detectadas nas produções escritas dos aprendizes de E/LE, pois segundo Maingueneau “o texto não é um estoque inerte que basta segmentos para dele extrair uma interpretação, mas inscreve-se em uma cena enunciativa cujos lugares de produção e de interpretação estão atravessados por antecipações, reconstruções de suas respectivas imagens, imagens estas impostas pelos limites da formação discursiva.”⁸⁶

O levantamento dos dados para a análise nesta seção se deu em duas partes: primeiro, com alunos do curso de Secretariado Executivo do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio da cidade de Salto, interior de São Paulo, e posteriormente com redações de alunos do curso *Español en el Campus* da Faculdade de Letras da USP.

Naquela primeira instituição, propusemos a elaboração de um texto escrito a dois grupos de níveis básico e intermediário com alunos entre 18 e 40 anos. A partir dessas redações, cujo tema era “Tipos de moradias da sua cidade”, selecionamos casos lexicais e de estruturas sintáticas que exemplificassem e justificassem as idéias desenvolvidas ao longo deste trabalho.⁸⁷

O primeiro grupo analisado estava composto por alunos de Espanhol V, equivalente ao nível intermediário de um curso de idiomas. Aqui, vale a pena comentar o que notamos na análise dos 22 textos recebidos.

Do total, 8 realmente cumpriram o que lhes foi proposto e apresentaram uma descrição mais objetiva dos tipos de moradia existentes em suas cidades. Fizeram

⁸⁶ 1997:91

⁸⁷ Consideramos importante ressaltar que, em ambas as turmas, trabalhava-se, no momento em que a atividade foi solicitada, a temática “Viviendas” (“moradias”, em português), bem como o vocabulário referente a partes de uma casa, descrição e localização de objetos de uma casa.

inclusive referências às partes de cada tipo de residência, e utilizaram estruturas com advérbios de lugares e verbos para caracterizar uma cidade como ser, estar, tener e haber.

Em 3 casos não se atingiu o objetivo da atividade, de modo que não os incluímos nesta análise. Os outros 50% dos textos (11, mais especificamente) optaram por um estilo de texto totalmente diferente dos anteriores.

E é justamente esse segundo grupo que nos interessa para aprofundar a nossa análise. Nota-se não apenas uma definição simples e direta de onde vivem as pessoas da região oeste de São Paulo, em alguns casos não houve sequer referência a isso, mas uma preocupação com as questões sociais relacionadas às moradias. O que lhes interessava não era a descrição de construções físicas, mas sim tratar de diferenciá-las a partir do nível social das pessoas que habitam cada uma dessas construções.

Mais do que simplesmente descrever tipos de moradias, como lhes havia sido pedido no enunciado do exercício, esses alunos parecem nos confessar um problema social de suas respectivas cidades. O tom de denúncia dessa situação permeia os textos produzidos, de modo que esses acabam indo além do proposto, como podemos notar nos exemplos abaixo⁸⁸:

- (1) *Yo vivo en Sorocaba, hay estilos de viviendas de diferentes niveles sociales, lo que hace la desigualdad del pueblo brasileño.*

⁸⁸ As formas impossíveis encontradas nos textos serão mantidas afim de se preservar a autenticidade dos documentos analisados.

- (2) *En mi ciudad hay diferentes tipos de viviendas porque hay diferentes situaciones financieras y también las particularidades de cada persona.*
- (3) *Los apartamentos del CDHU son viviendas pequeñas que los habitantes ganan del Alcalde de su ciudad y pagan muy poco al mes para adquiriren esa propiedad después de muchos años.*
- (4) *Las personas de mayor poder adquisitivo viven en residencias enormes con grandes habitaciones, innumerables aposentos, garaje para muchos carros y un bello jardín delante de la vivienda.*

O ponto que notamos aqui nesses quatro exemplos é que a sociedade é pensada como uma sociedade hierarquizada que dá valor aos diferentes tipos de moradia, já que em muitos casos os textos foram organizados com base nas diferenças sociais e não na simples descrição física dessas residências. A casa, enquanto “categoria sociológica” oposta à *rua*, é, nas palavras de Roberto da Matta, uma entidade moral, o lugar da ação social, domínio cultural institucionalizado capaz de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas.⁸⁹

Segundo Chauí, “a sociedade brasileira é marcada pela estrutura hierárquica do espaço social que determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada em todos os seus aspectos”, o que significa dizer que as relações sociais são sempre pautadas pela relação entre um superior e um inferior, como ocorre

⁸⁹ Ver introdução em *da Matta, 1997*.

claramente no terceiro exemplo, e serão sempre essas diferenças transformadas em desigualdades que reforçarão a relação mando-obediência. E isso se expressa na língua espanhola produzida pelos aprendizes bem como podemos notar nos exemplos analisados ao longo desta seção. Não devemos nos esquecer que na Monarquia eram os fazendeiros escravocratas e seus filhos quem monopolizavam a política.

Ao deter-nos mais profundamente nesses textos notamos outro fator curioso: a referência constante aos signos de prestígio e de poder como a valorização de diplomas e de fama:

- (5) *El poder de la renta de estas personas es grande y solamente esas personas consiguen sustentar todo el suyo.*
- (6) *Allí habitan ejecutivos bien sucedidos, inclusive el Alcalde de la ciudad.*
- (7) *... y varios condominios donde viven personas importantes, como médicos, empresarios, abogados, que son personas de clase alta que frecuentan los mejores restaurantes y bares de Itu.*
- (8) *En nuestra ciudad no hay arrabales, existen barrios más humildes y común son de nivel escolar primario.*
- (9) *... son ricas, tienen muchos objetos de arte y mobiliarios planeados.*

- (10) ... donde encontra-se habitantes conocidos como el actor Lima Duarte, Sandy e Júnior, este condominio llamase Itaci. Los habitantes deste condominio son personas de clase alta. Hay condominios más modestos como Vale das Laranjeiras.

O Brasil esteve marcado por uma cultura senhorial e estamental que privilegiou, e podemos afirmar tranquilamente que ainda privilegia, o luxo como uma maneira de delimitar a distância entre classes sociais, como se pode observar ao longo dos exemplos de 5 a 10.

Como bem diz Chauí, a sociedade brasileira “tem o fascínio pelos signos de prestígio e de poder..., ou da manutenção de criadagem doméstica... ou, ainda, como se nota na grande valorização dos diplomas que credenciam atividades não-manuais e no conseqüente desprezo pelo trabalho manual.”⁹⁰ Ou seja, repete-se indefinidamente o mesmo padrão de comportamento e de ação do período colonial, e isto parece se refletir também nos textos produzidos por esses aprendizes de E/LE.

Nos três primeiros exemplos (5, 6 e 7) notamos o uso de algumas expressões que, por si só, parecem descrever por completo como é internamente determinado tipo de moradia (“El poder de la renta de estas personas es grande” / “Allí habitan ejecutivos bien sucedidos” / “...donde viven personas importantes, como médicos, empresarios, abogados...”). Para os enunciadores desses discursos, a escolha dos termos sublinhados já são suficientes para orientar os seus leitores acerca das moradias às quais fazem referência, assim como no exemplo 8, quando a referência

⁹⁰

a artistas famosos nacionalmente são enunciados como moradores de um determinado tipo de residência.

O enunciado anterior (“... son ricas, tienen muchos objetos de arte y mobiliarios planeados”) traz também um ponto importante para o nosso trabalho. A escolha do autor dessa frase por palavras como “objetos de arte” e “mobiliarios planeados” nos remetem a outros espaços enunciativos pertencentes a épocas anteriores a atual, objetos e mobiliários de famílias aristocráticas européias de séculos passados.

Uma observação mais atenta dos enunciados produzidos por aprendizes parece nos levar ao período do Brasil colônia, ao qual nos referíamos no capítulo *Percurso histórico*, quando, como descreve Costa⁹¹, “os colégios religiosos tiveram o monopólio da cultura, preenchendo as necessidades da colônia, fornecendo uma educação retórica e erudita, ornamental, essencialmente definidora de **status**, elitista pela sua própria natureza.”

No entanto, para ir além, pretendemos então entender essas “coisas”, para fazer uso de uma expressão de Michel Foucault⁹², que são anteriores ao discurso. Para esse autor, o discurso é, enquanto prática, um sistema que emprega, de forma constante, um feixe de relações, por isso afirma que esse mesmo discurso “não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que diz... é um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.”⁹³ Os enunciados analisados acima são, pois, não apenas elementos de significação de que dispõem os sujeitos falantes, em uma dada época, mas também exemplos de estruturas semânticas que aparecem na superfície de discursos produzidos anteriormente.

⁹¹ 1977:183

⁹² 1997:54

⁹³ 1997 : 61-62

Visto que o discurso é exterior ao sujeito, que não é ele que decide o que já existe, esse se inscreve em uma ordem de um discurso circulante para poder enunciar. O discurso presente nesses enunciados analisados, que muitas vezes apresenta um tom de ressentimento e de inferioridade, é resultado de imagens idealizadas do mundo exterior, onde o que é estrangeiro – ainda que esse estrangeiro seja a capital São Paulo – é melhor. Percebe-se a necessidade e aproximação do seu mundo com um mundo exterior civilizado e socialmente bem sucedido.

Outra regularidade existe nas redações daqueles aprendizes é o tom publicitário usado para a descrição das moradias. Mais do que descrever-nos diferentes estilos de residências, os textos parecem uma tentativa de convencer-nos do que há de melhor em algumas dessas moradias. Isso é claramente perceptível nos exemplos abaixo:

- (11) *Existen condomínios de alto patrón con áreas magníficas de lazer... es totalmente murado y con sistemas de seguridad distribuídos de forma estratégica.*
- (12) *Las viviendas son grandes y tienen una arquitectura moderna y jardín muy bellos, como verdaderas obras-primas.*
- (13) *En el otro extremo de la ciudad hay muchos conjuntos residenciales, tiendo la más completa seguridad y las casas son grandes terrenos arbolados.*

- (14) *Las viviendas son mansiones formadas por enormes jardines...*

O que nos chama atenção nessa sequência de enunciados é a intenção que parece haver dos autores ao posicionarem, nas orações, os adjetivos referentes às moradias das orações. Como se sabe, a ordem habitual é “substantivo + adjetivo” como estrutura para descrever objetos, lugares ou pessoas. Porém, ao inverter essa ordem, optando agora pela estrutura “adjetivo + substantivo”, notamos a necessidade de se expressar um valor com uma intenção de persuasão.

No segundo grupo de textos, de alunos do segundo semestre de espanhol do curso de Secretariado Executivo daquela mesma instituição, percebemos que o enfoque social-financeiro permanece também nos textos desse grupo de alunos.

Do total de 23 textos, encontramos pelo menos oito redações que explicitam essa relação entre moradias e classes sociais, como se pode ver em alguns exemplos que destacamos abaixo:

- (15) *En mi ciudad hay muchas casas, en ellas viven las personas de renta alta, media y baja...*

- (16) *Las personas que viven en casa son las más populares...y los que viven en el campo son los más afortunados.*

- (17) *Aquí, la grande mayoría de las personas viven en barrios. Esas personas son trabajadores asalariados, de clase media, con renta para el sustento de su familia.*

- (18) *Al lado derecho de mi barrio, hay una chabola, donde viven algunas personas muy pobres que están sin trabajo o ganan muy poco, tienen muchos hijos y por eso no consiguen tener una vivienda mejor y una vida mejor.*
- (19) *Mi ciudad natal es Itu, donde tiene mucha diferencia de grupo social.*
- (20) *En Sorocaba... se destacan los condominios con edificios, donde están concentrados los habitantes de clase media...Existen también las favelas, esas moradias son precarias. Son habitantes que no tienen una buena situación financiera y acaban sin mucha opción.*

Uma vez mais se vê a necessidade de relacionar a descrição física de diferentes moradias com a situação financeira, ou inclusive a posição social, dos habitantes daquelas construções.

Outro ponto que nos chama a atenção, e agora dentro do campo da sintaxe, é a forma como esses aprendizes marcam as diferenças sociais optando ou recusando determinadas construções verbais. Verbos como dispôr, destinar ou ganhar são freqüentes na hora de descrever as moradias mais simples, como se pode ver nos enunciados a seguir (os grifos são nossos):

- 21) *Las casas más sencillas disponen de sala, cocina, baño y patio, sin lujos.*

22) *Esse tipo de viviendas [da CDHU] son destinadas para los trabajadores de clase baja com la renta mínima de 300,00 reais.*

23) *Los apartamentos del CDHU son viviendas pequeñas, que los habitantes ganan del Alcalde de su ciudad.*

Está implícito, nesses discursos, que aqueles moradores realmente não têm outra opção a não ser aceitar o que lhes é imposto. Embora essa pareça ser a única opção que lhes resta, esses não devem reclamar pois, assim como encontramos em um dos textos, “el más importante, independiente de la situation financiera es teñer un lugar dónde se pueda llamar de su lugar (hogar).”

Por outro lado, os moradores de condomínios fechados e apartamentos gozam de outra situação, uma vez que esses desfrutam, requerem ou preferem.

24) *Los apartamentos son más requisitados pelas personas que preferem investir na tranquilidad de su familia.*

25) *Es un tipo de vivienda mucho requisitada por personas de clase alta.*

26) *Las personas que viven allí [nos apartamentos] son de clase média, tuvieron preferencia por estas habitaciones porque hay una mayor seguridad.*

27) *La gente que vive en condominios disfruta de un área de recreación y jardines.*

Podemos afirmar por tanto que, por não ser dono ou origem desse dizer, o sujeito enunciator fala de um lugar, de uma região do interdiscurso que nada mais é do que o recorte de um passado memorável.

“O sujeito não fala no presente, no tempo, embora o locutor o represente assim, pois só é sujeito enquanto afetado pelo interdiscurso, memória de sentidos, estruturada pelo esquecimento, que faz a língua funcionar. Falar é estar nesta memória, portanto não é estar no tempo.”⁹⁴

Outra construção verbal que não podemos deixar de destacar é o uso dos verbos de posse (“tener”) frente ao de existência (“haber”); e o jogo enunciativo que se cria em alguns casos. Na maioria dos textos analisados, o primeiro verbo aparece nas descrições de apartamentos e condomínios fechados, enquanto que o “haber” é mais freqüente nas referências a casas simples.⁹⁵

O uso do verbo “tener” parece marcar a existência de um sujeito possuidor, focalizando assim as pessoas das orações:

28) *Los edificios tienen 2 dormitorios, una pequeña cocina y una sala.*

29) *En lo otro extremo de la ciudad hay muchos conjuntos residenciales, tiendo la más completa seguridad.*

⁹⁴ Guimarães – 2002:14

⁹⁵ Em alguns poucos casos, o “jogo” parece ser contrário. Em algumas descrições de casas humildes, detectou-se o uso de *tener*, ainda que me escala muito inferior, bem como o uso do verbo *haber* em momentos dos textos em que se referiam aos condomínios e apartamentos.

30) *Los moradores de un solo piso tienen más privacidad, pues el acceso a ella es solamente de los familiares o invitados.*

31) *... [los apartamentos] llegan a tener de tres a cuatro dormitorios alguns incluyendo suite, cocina y sala de jantar interligadas.*

O verbo “existir” às vezes aparece como outra forma possível de dar vida, existência, a esses moradores de classe social privilegiada, como poderemos comprovar nos seguintes trechos:

32) *... normalmente existe uma porteria y un portero que controla las llegadas y salidas de los moradores y de los visitantes.*

33) *Existen condominios de alto patrón com áreas magníficas de lazer, com salón de fiestas, play-ground, cuadras poliesportivas.*

34) *Otro tipo de vivienda que existe em mi ciudad, son los apartamentos.*

35) *Sorocaba tiene poca quintas, pero las qué existen son muy guapas.*

36) *Existen también los condominios cerrados muy bellos para personas de clase alta, generalmente empresarios.*

Por outro lado, ao optarem pelo verbo impessoal “haber”, os autores parecem querer “apagar” a possibilidade de existir um sujeito, como se os habitantes das

moradias mais humildes pudessem ser escondidos, “varridos” da sociedade. Esses exemplos de “não pessoa” no texto⁹⁶ podem ser vistos a seguir:

37) *En los barrios de la periferia hay muchos ranchos.*

38) *Hay también moradias común, humilde como las casas dos barrios donde las personas viven una vida comun.*

39) *Hay casas mucho simple y pequeñas.*

40) *En nuestra ciudad no hay arrabales.*

Ainda que em menor escala, observamos outra vez em algumas produções de alunos o tom publicitário de certos enunciados, como podemos ver nos exemplos abaixo:

41) *Para los solo tenemos los edificios, siendo apartamento menores. Ahora para aquellos que buscan más seguridad, tenemos los condominios cerrados, con casas o sobrados. Indaiatuba y una excelente ciudad para vivirse y para trabajar. Cuando tuviera oportunidad venga la conoces.*

42) *Hay muchas casas de campo y fincas, donde con certeza las personas que escogieron este estilo de vida son muy más felices, pues*

⁹⁶

Termo emprestado de Maingueneau, 2001

pueden disfrutar de la naturaleza y tener contacto directo con los animales.

43) Indaiatuba es una excelente ciudad para vivirse y para trabajar.

44) Hay también condominios, estos ofrecen confort y seguridad.

A segunda amostra foi levantada a partir de redações de alunos do curso Español en el Campus da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo. No total, 17 textos foram coletados.

Em um primeiro momento, pediu-se aos alunos do nível intermediário (aproximadamente 180 horas de estudo formal da língua) a seguinte atividade:

Narra brevemente (de 10 a 12 líneas) una situación que tenga como escenario las calles de alguna ciudad de España.

Para a outra turma, com 270 horas de estudo (Avançado II), o cenário foi transferido para a América e lhe foi pedida a seguinte tarefa:

Narra brevemente (de 10 a 12 líneas) una situación que tenga como escenario las calles de alguna ciudad de América Latina.

A análise atenta dessas duas mostras apenas comprova e enriquece o que vínhamos descrevendo ao longo deste trabalho acerca das representações

presentes nos discursos dos brasileiros com relação a essas duas regiões hispanas: a Espanha e a América Latina.

Em ambas atividades podemos notar claramente o tratamento formal que se dá às estruturas sintáticas e lexicais ao se produzir textos em espanhol. Os enunciados abaixo são alguns exemplos dessa observação:

Sobre a Espanha:

“Había una vez estaba caminando por la calle a mirar una estatueta.”

“Fui a la policía para darles la cartera, porque a mí no me pertenecía.”

Sobre a América Latina:

“Estaba en Buenos Aires caminando por sus calles, largas y rectas, con sus edificios de misma altura y lenguaje formal, conferiendole una unidad majestosa.”

“Sensación esta que me hace extrañar mucho aquella región del sur de América y que me trae el deseo de allá volver y dejarme soñar nuevamente.”

Nesse breve recorte já podemos notar, uma vez mais, como as representações se impõem sobre a imaginação através de uma roupagem vistosa, “palavras bonitas ou argumentos sedutores”, nas palavras de Buarque da Hollanda.⁹⁷

Em primeiro lugar nos chama a atenção como o mundo hispano está representado pelos alunos. No que se refere à América Latina, os textos nos dão a sensação de que essa região se restringe a lugares que estão culturalmente mais próximos das tradições européias, como Buenos Aires, e os relatos sobre essas cidades estão marcados pela idéia de deslumbramento com as descobertas de uma

⁹⁷ p.155 – op. cit.

América Latina aproximada da Europa. Cabe ressaltar aqui que apenas dois dos textos sobre a primeira região não estão ambientados nessa cidade.

Os seguintes trechos extraídos do próprio material analisado exemplificam o que dissemos anteriormente.

a) “Por Dios, hombre, esa gente es muy alegre.”

b) “Me encanté con las calles de el centro de la ciudad. Primero porque estaban limpias y llenas de personas...”

c) Jamás olvidaré de las calles porteñas, ya que allá me sentí muy a gusto, como si fuera una chica visitando el mundo de los sueños.”

Aquela região desorganizada e anárquica a que nos referíamos no nosso percurso histórico vai dando lugar, nos textos produzidos, à possibilidade de uma região também de organização, de limpeza e de superioridade.

Por outro lado, em quatro redações cujo cenário é a Espanha aparecem referências desse país como lugar das oportunidades e do desenvolvimento intelectual. Percebe-se ali um país para se praticar espanhol (notem que nos textos situados na América Latina não é feita essa menção) e até mesmo como lugar de aprendizado para a vida, como podemos notar nos seguintes trechos:

a) “Hace unos diez años, todavía era jovencita y no conocía muchas cosas acerca de vida y de las cosas...Resulta que tuve la oportunidad de irme a España.”

b) *“En el año pasado, hizo un viaje a Madri. Esa ciudad siempre me encantó mucho y también fue para praticar mi español.”*

c) *“En final del año 2000 fue a Barcelona conocer la ciudad y participar de uno seminario de Lingüística.”*

Quanto à América Latina, embora a referência seja Buenos Aires, é o lugar do ócio e da diversão, na Espanha não se faz apenas turismo, pois também é associada com a oportunidade de se aprender algo, tirar algum proveito intelectual. As produções escritas sobre esse país apresentam um outro mundo hispano, muito mais relacionado ao mundo formal dos estudos e do trabalho. Ali parecem repousar as origens da sociedade brasileira, encontra-se tudo o que devemos a uma sociedade européia perfeita, civilizada e superior. Seríamos, *por tanto*, herdeiros dessas instituições e idéias.

Outro aspecto que devemos ressaltar é como esses enunciadores se apresentam imaginariamente naqueles lugares. Em 16 dos 17 textos produzidos e analisados, optou-se por uma narração em primeira pessoa do singular (*yo*), embora não se fizesse nenhuma referência a isso no enunciado da atividade. Além dessa preferência por se colocar como personagens participantes daquelas situações, os alunos tenderam em recolocar os espaços e personagens em lugar do que se havia pedido nos enunciados dos exercícios.

É curioso notar a presença desse mesmo fenômeno nos textos analisados na primeira amostra, embora ali se desse em uma direção contrária. Ao descrever tipos de moradias, os alunos não deixaram de considerar aspectos exteriores como

titulação dos moradores e nível social, enquanto que nessa amostra há a presença da figura da família em pelo menos seis textos analisados. Embora sejam lugares socialmente complementares possuem códigos diferenciados que exigem de seus personagens o acionamento de posturas diferenciadas, tanto no âmbito das relações pessoais como nas questões políticas e sociais. Destacamos alguns exemplos de ambas as amostras:

1ª amostra (“a casa”)

a) *“Mi ciudad es una ciudad de diferentes niveles sociales donde todos buscan vivir siempre mejor.”*

b) *“En mi ciudad hay diferentes tipos de viviendas porque hay diferentes situaciones financieras.”*

c) *“Las personas que viven en este tipo de vivienda [apartamentos] son, en general, de la clase social media o media-alta y que tienen mayor remuneración y por eso desean más seguridad.”*

2ª amostra (“a rua”)

a) *“Un día fui a una tienda comprar un regalo a mi madre.”*

b) *“Había llegado a la ciudad hace unos siete días para visitar a unos primos que viven por allí hace muchos años.”*

c) *“Paseando con mi hermana en una calle...encontramos un joven que había estado sin dinero.”*

Esses textos também possuem outra característica em comum, uma vez que a maioria deles (13, para sermos mais específicos) vinham carregados de um tom hiperbólico que davam um ar de deslumbramento às regiões citadas. Modalizadores como todos, muchos, siempre, jamás reforçam esse aspecto particular da segunda amostra com se verá nos exemplos abaixo:

- 1) “Esa ciudad siempre me encanto mucho y también fue para practicar mi español. La ciudad es muy guapa, tiene sitios maravillosos.”
- 2) “Total que me llevé muchos abrigos, pullóveres, medias, bufandas, gorros y ningún dinero.”
- 3) “Todos los edificios llevan la inscripción del arquitecto que les proyectó.”
- 4) “Jamás olvidaré de las calles porteñas.”
- 5) “Las calles anchas, muy claras, sin construcciones altas en su alrededor.”

Para finalizar essa segunda análise, gostaríamos de destacar um texto que nos chamou a atenção não apenas por sua originalidade, mas também por ser uma exceção entre as produções escritas situadas nas ruas da América Latina. Para uma melhor compreensão transcrevemo-lo integralmente.

“Yo y mi nena nos fuimos al boliche, digo, mi nena y yo (el burro viene antes), vimos unos árboles increíbles en el camino, un perro y su cachorro, digo, una perra y su cachorro.

Yo y mi vieja os fuimos a un antro, digo, mi vieja y yo, vimos una féria con unos floreros chilo, pero a ella le valía gorro, la calle estaba un poco sucia. México es la mayor ciudad del mundo.

Yo y mi negrita nos fuimos a la pachanga, digo, mi negrita y yo. Vimos por el camino el compay Nicolás, sus hijas meneaban al sonido de una rumba.

Mi chava y yo nos fuimos a una cafetería, la chaparra me hizo reír con sus chistes.

Vi un carro que era un coche bien padre. Nieta, era bien padre, vi una amiga con su bici, fue buena onda.”

A cadeia lexical que se desenvolve nessa sequência vai transportando o leitor a diversos lugares da América Latina como a Argentina (“boliche”, “nena”), México e Cuba (“negrita”, “compay” e “rumba”), dando-lhes uma atmosfera de lugares do ócio e da diversão. Desse modo podemos perceber duas representações acerca da América Latina: por um lado, uma América isolada voltada às tradições européias, como Buenos Aires; e por outro lado uma região de desordem e multiplicidade racial, uma vez que é o único texto com pessoas de raças não brancas.

Observamos nas amostras analisadas ao longo deste capítulo que o sujeito enuncia por meio de um ethos. Esse “enunciador encarnado”⁹⁸ é autor de um texto sustentado por uma voz que acaba revelando a sua personalidade. Como bem define Roland Barthes⁹⁹:

⁹⁸ Maingueneau, 2001:1996
⁹⁹ apud Maingueneau, 2001:98

“São os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório [...] para causar boa impressão: são os ares que assume ao se apresentar. O orador enuncia uma informação, e ao mesmo tempo diz: eu sou isto, eu não sou aquilo.”

No nosso corpus, encontramos alguns indícios textuais de diversas origens que nos ajudam a compreender como esses aprendizes desejam ser vistos e como esses constroem uma identidade compatível ao mundo construído.

Conclusões

Como dissemos na introdução, este trabalho se propunha a investigar, mediante a observação de fatos discursivos, as representações sobre a língua espanhola, como língua simultaneamente “espanhola” e “latino-americana”, presentes em documentos midiáticos e em textos de alunos de aprendizes de espanhol.

Não podemos negar o papel desses meios de comunicação como agentes influenciadores e fornecedores de elementos representacionais para o imaginário brasileiro sobre regiões como a Península Ibérica (Portugal e Espanha) e a América hispano-falante. Esses são o resultado do entrecruzamento de histórias que, guardado pela memória da língua, origina outros enunciados a partir de combinação de elementos anteriores.

Exemplos disso são os documentos de mídia que analisamos ao longo do capítulo 2 (“Alguns discursos na mídia”) onde o leitor pôde perceber claramente o que representa a Espanha e a América Latina para uma parcela da população brasileira. Enquanto a primeira é o lugar da ordem, do desenvolvimento e de uma língua bem falada (ora espanhola, ora portuguesa), a segunda é representada como o lugar do caos e do atraso econômico.

Em “Nove Rainhas”, por exemplo, evidencia-se essa diferença através da tradução dos pronomes de um determinado trecho da história, onde o espectador/leitor pode perceber o jogo que se faz entre as formas de tratamento “tú”, “vos” e “usted” castelhanos frente a “tu”, “você” e “o senhor” da língua portuguesa. Para delimitar as variantes geográficas, optou-se por identificar o espanhol peninsular com o português europeu, e a variedade rio-platense com o português brasileiro.

Na análise da tira cômica de “Los tres amigos”, figuras representacionais do passado também são retomadas para reforçar a memória que se tem de uma determinada região e de sua língua nativa, uma vez que a América Latina daqueles quadrinhos, bem como a América vista pelos monarquistas brasileiros do século XIX, é também caótica e pouco desenvolvida. O mesmo cenário poderá ser visto na propaganda de “Puerto del Sol”, bem como nas imagens e nos textos jornalísticos analisados à época da Cúpula do Mercosul no Brasil.

Não podemos esquecer-nos que em outros momentos essa região também é associada às manifestações culturais populares como o circo e o Carnaval, presentes tanto nos textos sobre a Cúpula do Mercosul como em textos como a descrição em que um aluno faz sobre uma possível “viagem” sua com a sua “negrita”.

As regularidades discursivas se repetem entre os documentos de mídia analisados como se o espectador/leitor voltasse no tempo à época do Brasil monarquista quando os políticos daquele período acreditavam que relacionar-se com a América hispânica significava manter relações com uma região desorganizada, instável e pouco desenvolvida. É, uma vez mais, o diálogo entre o presente e o passado.

Percebemos que esse imaginário está presente também nos enunciados de aprendizes de espanhol em seu processo de aquisição de língua estrangeira e como esses estudantes vêem o aprender e o falar espanhol. Assim como nos textos midiáticos, os textos escritos produzidos por esses alunos também estão carregados de atitudes e estratégias que nos remetem a determinadas representações.

Em ambas amostras (sobre as moradias e, posteriormente, sobre as ruas de cidades da Espanha e da América Latina), percebemos a tendência em escolher

determinado vocabulário segundo o espaço geográfico a que se referiam os textos. Por um lado, havia a presença de um espanhol pertencente às sociedades européias “civilizadas”, do desenvolvimento intelectual e econômico, bem como do espaço das oportunidades. Por outro lado, notava-se, assim como na propaganda da cerveja “Puerto del Sol” e da tira cômica “Los tres amigos”, um espanhol pertencente a regiões de festa, de descompromisso, chegando às vezes a estar relacionadas à desorganização.

As análises históricas e lingüísticas feitas ao longo deste trabalho sobre as relações políticas e econômicas que o Brasil manteve, ou não, com a América espanhola durante os anos pré-republicanos, bem como os discursos oriundos daquela época, parecem mostrar-nos o início das representações que se tem atualmente da América Latina a partir do Brasil e como elas podem interferir nos enunciados de estudantes brasileiros que se dedicam ao estudo do espanhol como língua estrangeira. Fizemos um caminho diacrônico de ir e vir entre a Europa e a América Espanhola para melhor entendermos o que é e o que foi a América hispânica para o Brasil para, posteriormente, a partir dos documentos históricos que contemplassem as relações entre essa América esquecida e negada pelo Brasil, compreendermos a necessidade de aproximação que houve, e que parece haver ainda hoje nos discursos produzidos pelos alunos aprendizes de espanhol, entre o Brasil e a Europa, mais especificamente a Península Ibérica.

Por isso, acreditamos que no imaginário lingüístico brasileiro repousa, de um lado, um espanhol, europeu naturalmente, formal e “bem falado” que tem forte influência nas produções enunciativas desses aprendizes, e do outro, a língua do caos, como no exemplo de “Los tres amigos”, que também aparece no espaço do ensino-aprendizado, embora de forma mais reprimida. Acreditamos, assim como

Guimarães, que as formas da língua são o que são pela história de suas enunciações.

“Uma forma é na língua o que ela se tornou pela história de seus funcionamentos na enunciação. Deste modo, deve-se considerar que a língua tem em si a memória desta história, ou seja, a língua carrega na sua estrutura as marcas de seu passado”.¹⁰⁰

São vozes de épocas diferentes que dão origem a um entrelaçamento de discursos e que, fornecendo “matéria prima” para esse novo discurso a partir de algo pré-construído, explicam a construção dos enunciados observados neste trabalho.

¹⁰⁰

Guimarães – 1990:27

epígrafe

*“Eu vejo o futuro repetir o passado. Eu vejo um museu de
grandes novidades. O tempo não pára”*

(Cazuza)

Anexo 1

Transcrição do texto original e das legendas em português do trecho analisado em “Nove Rainhas”. As falas em **negrito** marcam o texto original em castelhano e as em *itálico* que estão na sequência o que se lê nas legendas em português.

Comprador espanhol: **Bien, vamos a tratar de no perder el tiempo. Tú le dijiste al policía que tenías algo para vender. Un negocio, legal, según tus palabras. Y por lo que escuché de la conversación telefónica quizá pudiera interesar.**

Comprador espanhol: *Não vamos perder tempo. Disse ao vigia que vendi “algo legal”, como disse. Pelo que ouvi da conversa, talvez possa me interessar.*

Marcos: **¿Usted quién es?**

Marcos: *Quem é o senhor?*

CE (comprador espanhol): **Si lo que tienes para ofrecer es lo que yo creo.**

CE (comprador espanhol): *Se o que tem aí é o que penso.*

M (Marcos): **Perdón, ¿usted quién es?**

M (Marcos): *Quem é o senhor?*

CE: **La persona que te indicaron, la que viniste a buscar.**

CE: *Quem te indicaram, quem procuras.*

M: Bien, yo no tengo nada para vender, ni le pedí ningún favor. Estamos aquí por gentileza, ustedes nos hizo un favor en el baño, un mal entendido. Pero la verdad, es que no sé quién es usted.

M: *Não tenho nada à venda, estamos aqui por gentileza. O sr. nos fez um favor, foi um engano. Não sei quem é o senhor.*

CE: (a Juan) **¿Y tú, qué dices?**

CE: (a Juan) *E tu?*

Juan: **Mi socio habla por mí.**

Juan: *Estou com meu sócio.*

CE: ¡Vaya profesionales! (a sus empleados) ¿Entendéis, cretinos, cómo se hacen estas cosas? Sí tú tuvieras algo para ofrecerme seguramente llamarías a mi puerta como un vendedor de enciclopedias. Pero si fueras un porteño listo intentarías que yo me interesara. Buscarías la forma de que yo te buscara a ti y no al revés. Podrías, por ejemplo, tener una conversación telefónica con un supuesto comprador y asegurarte de que yo la escuchara. Aunque debe ser sutil, no decir nada como: “¿Cómo?, ¿por las Nueve Reinas?, ¿pero vos estás loco?”. Y luego el policía: No, por favor, no me pegues, no me pegues. Tengo algo para vender, sí, pero es legal, te lo juro”. ¿Entendéis? Fue tan ridículo.

CE: *Mas que profissionais. (aos seus empregados) Viram como se faz? Para vender algo, chamarias à porta como um vendedor de enciclopédias. Se fosses um portenho esperto, despertarias meu interesse, Me fazias procurá-lo e não o*

contrário. Falavas ao telefone com um suposto comprador e me fazias escutar, mas deve ser sutil. Nada de: “Pelas Nove Rainhas, está maluco?”. Depois o vigia: “Não me bata, vendo uma coisa, mas é legal, juro”. Entendes? Foi tão ridículo.

M: No sé de qué está hablando.

M: Não sei de que fala.

CE: Bueno, hombre. No tienes que continuar con eso. Además es cierto por si hubieseis venido directamente, quizá nunca hubiera hablado con vosotros. No me importa que lo hayáis hecho así, de veras, mientras que lo que tengáis sea bueno y me interese.

CE: Ó pá, não tens de continuar com isso. Mas, me abordando diretamente, talvez eu não falasse consigo. Não importa o que fizestes, se tens algo bom e interessante.

M: De verdad, no sé de qué me está hablando.

M: Sério, não sei do que fala.

CE: Dale, hombre. No seas pesado. Ya está, terminó la función. Estás cerca de mí, te estoy escuchando. Quieres ofrecerme algo, pues haz algo o vete a la mierda. Que me queda poco tiempo y muchas cosas por disponer.

CE: Que insuportável! O show acabou, estou aqui te ouvindo, ofereça algo já ou vá à merda. Tenho pouco tempo e muito a fazer.

(Marcos lhe entrega os selos)

CE: ¿Tú tienes esto? ¿Y de dónde los sacaste?

CE: *Tens isto? Onde os conseguiste?*

J: Me la dejó mi abuelo a mí poco antes de morir, murió hace unos meses. A él se la dio un alemán que conoció en un barco, la pagó 7 pesos.

J: *Meu avô me deu pouco antes de morrer, há uns meses. Ele comprou de uma alemão num barco, por 7 pesos.*

CE: ¿7 pesos?

CE: *7 pesos?*

J: Siete. Sí, Bueno. Ya se lo comenté a mi primo y él me sugirió que la podíamos vender a algún coleccionista.

J: 7. Meu primo sugeriu vender a um colecionador.

M: ¿Le interesa?

M: *Interessa?*

CE: No me apresures.

CE: *Calma!*

M: No, digo, como tiene tan poco tiempo y tantas cosas por disponer.

M: *Tem pouco tempo e muito a fazer.*

CE: Quizá quiera comprarlas.

CE: Talvez queira comprá-las.

M: Eso sería una suerte para todos.

M: Seria uma sorte para todos.

CE: Volved aquí en una hora, quero ver los sellos y hablaremos de dinero.

CE: Voltem em uma hora com os selos, e negociamos.

M: ¿Hoy mismo?

M: Hoje mesmo?

CE: Hoy mismo, sí. No tengo mucho tiempo. Lamentablemente tengo que abandonar vuestra ciudad mañana por la mañana. ¿Tú no lo sabías?

CE: Sim, tenho pouco tempo. Infelizmente, devo deixar a cidade pela manhã.

Não sabias?

M: No, no lo sabía.

M: Não.

CE: Pues es así. Y creedme, voy a extrañar este país. Nunca he visto tan buena disposición para los negocios. En mi habitación, a las cuatro.

CE: *Pois é assim. Sentirei falta deste país. Nunca vi tão boa disposição para os negócios. No meu quarto, às 4h.*

CE: (a uno de sus empleados) **Deja el teléfono de una vez, coño.**

CE: (a um de seus empregados) *Largue o telefone, porra.*

Anexo 2

Press-release de divulgação da campanha de lançamento da cerveja “Puerto del Sol”.

Fonte: http://www.ambev.com.br/not_04.php?noticia=194

24/05/2006 - AmBev lança Puerto del Sol rumo a expansão da cultura latina

Com embalagem e líquido diferenciados, a cerveja Puerto del Sol chega às principais cidades brasileiras para atender às expectativas de um público que valoriza cada vez mais o estilo de vida, cultura e valores latinos

De olho no potencial do desenvolvimento da cultura latina no Brasil, a AmBev coloca no mercado, a partir de amanhã, a cerveja Puerto del Sol. Do tipo pilsen, menos encorpada e com embalagem transparente e serigrafada, será lançada nas principais cidades brasileiras para atender às expectativas de um público que valoriza o estilo de vida latino. Puerto Del Sol chega inicialmente a São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Florianópolis, Porto Alegre e Belo Horizonte.

O radar da AmBev para esse lançamento veio do forte crescimento que produtos focados no segmento latino tem apresentado em países como os EUA e na experiência da empresa em suas operações ao redor do mundo. Segundo dados da universidade da Geórgia, este mercado movimenta nos EUA, somente na categoria de alimentos e bebidas, uma cifra de US\$ 60 bilhões/ano. “No Brasil temos a imensa oportunidade de desenvolver este mercado, que segundo indica nossos estudos tem potencial de crescimento imediato. Esse é nosso papel como líder”, diz Andréa Fernandes, gerente de portfólio da AmBev.

De fato, estudos de mercado da AmBev mostram que o consumidor brasileiro também se mostra receptivo ao universo latino, é o que prova a aderência dos brasileiros cada vez maior à gastronomia, cinema e música de origem latina, que nunca tiveram tanto mercado no Brasil. Dados da Abresi (Associação Brasileira das

Entidades de Gastronomia) revelam também que cerca de 15% dos bares e restaurantes da região sudeste do Brasil têm temática latina, seja no cardápio, com comidas picantes e bem temperadas, seja no repertório musical, com ritmos como rumba, reggae, salsa e outros.

É justamente nesse ambiente que Puerto del Sol será melhor apreciada. Segundo o mestre-cervejeiro Daniel Baumann, responsável pelo desenvolvimento do produto, a nova cerveja é ideal para ser degustada em dias quentes e harmonizando com a culinária latina. “Por ser menos encorpada, combina perfeitamente com o tempero marcante da gastronomia latina e é perfeita para dias de sol”, sugere.

Durante um ano de pesquisas, os mestres-cervejeiros da AmBev testaram alguns tipos de líquidos com o consumidor brasileiro e chegaram a uma fórmula que se adequa perfeitamente ao gosto e estilo de um típico produto latino. “A Puerto del Sol apresenta um amargor bastante suave ao ser degustada, combinado ao seu teor alcoólico um pouco mais baixo, 4,3%, que a deixa menos encorpada do que as pilsens convencionais, revela Baumann.

Super-premium

Com o lançamento da nova cerveja, a empresa pretende ampliar seu portfólio de cervejas super premium e oferecer mais uma opção para os consumidores. “Ao oferecermos novos produtos para os consumidores, estamos contribuindo para o desenvolvimento do mercado super premium no Brasil, que, atualmente, representa 5,4% do mercado total de cervejas. Para se ter uma idéia do potencial de crescimento deste mercado, basta analisarmos os dados de outros países, como a Venezuela, por exemplo, onde o segmento super premium representa 10% do mercado de cervejas. Nos Estados Unidos, esse número salta para 25%.

Embalagem

Em embalagem transparente long neck, 355ml, serigrafada, trazendo no rótulo ícones latinos, além de utilizar a cor vermelha (quente e vibrante que predomina nesse universo), Puerto Del Sol terá preço sugerido de R\$ 1,79 e poderá ser encontrada nos principais supermercados, lojas de conveniência, bares e restaurantes.

Campanha

Para comunicar os consumidores sobre o novo produto, a agência de publicidade F/Nazca desenvolveu uma campanha inspirada em elementos típicos do universo latino. Nos próximos dias, deve entrar no ar um filme que retrata o clima de muito sol, diversão, sensualidade e alegria da cultura latina. O slogan da campanha é Cerveja Puerto Del Sol. Para beber debaixo do sol, conta Fernandes.

Mais informações

In Press Porter Novelli Assessoria de Comunicação

Fátima Santos – fatima.santos@inpresspni.com.br

(11) 3323-1553/ 1520

Anexo 3

textos de mídia jornalística

veículo: jornal (Folha de São Paulo)

data: 19 de janeiro de 2007

gênero: editorial

referência: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1901200705.htm>

Alegorias carnavalescas (Nelson Motta)

RIO DE JANEIRO - No primeiro carro alegórico, jogando beijos para a multidão, vem o grande líder bolivariano Hugo Chávez, em seu uniforme multicolorido, com seus alamares, borlas e dragonas dourados, sob o imenso quepe, e com o peito pesado de medalhas, cercado por seguranças fantasiados de astecas e lindas morenas de seios de fora. A bateria explode, a torre de petróleo cenográfica lança jatos de chocolate, a massa delira e se lambuza, como se fosse melado comido pela primeira vez.

Logo atrás, no alto de uma alegoria menor, mas não menos luxuosa, cercado por imensas plantas de coca cenográficas e por belas índias seminuas, com a segurança em trajes típicos dos Andes, o grande líder cocaleiro Evo Morales acena para o povo, com sua touca multicolorida lhe cobrindo as orelhas e seu casaco de pele de lhama. Os canhões do carro despejam chuvas de folhas de coca sobre o público, todo mundo ligado até o "grande amanhã" chegar.

A América Latina finalmente começa a sua integração pelo caminho da festa, especialidade dos hermanos brasileiros. No refrão da salsa-enredo, as congas e timbales repicam e todos gritam, de punhos fechados: "Patria o muerte!". Depois o refrão muda para "socialismo o muerte!", as mulatas rebolam, as índias se sacodem. De mãos dadas e braços para o alto, todos gritam: "Revolución o muerte!".

Embora Carnaval não combine muito com morte, o desfile imaginário é a perfeita integração entre fantasia, alegoria e ideologia que Chávez e Morales representam e que atrasa e empobrece as Américas cada vez mais, sob inspiração do fantasma de Fidel e de seus ideais de ordem e progresso.

O enredo "O Mundo Mágico do Perfeito Idiota Latino-americano", versão 0.7, começou a ser ensaiado nesta semana no Rio.

veículo: jornal (O Estado de São Paulo)

data: 20 de janeiro de 2007

gênero: editorial

referência: <http://txt.estado.com.br/editorias/2007/01/20/edi-1.93.5.20070120.3.1.xml>

Perda de tempo

Não poderia faltar uma dose de baixaria na lamentável e inútil conferência de cúpula do Mercosul, no Rio de Janeiro, encerrada ontem. Quem previu uma reunião apenas improdutiva e marcada pela retórica terceiro-mundista pecou por otimismo. A realidade foi pior. O presidente da Bolívia, Evo Morales, meteu o bedelho em assuntos internos da Colômbia, criticando sua orientação econômica e seus vínculos com os Estados Unidos. O presidente colombiano, Álvaro Uribe, foi obrigado a responder. O guru de Morales, o venezuelano Hugo Chávez, interveio em sua defesa, acusando Uribe de haver exagerado na resposta. Nenhuma surpresa.

Morales e Chávez não vieram ao Brasil para discutir de forma civilizada projetos de interesse comum, mas para ditar palavras de ordem e proclamar novos tempos para a região. O presidente venezuelano disse ter vindo para descontaminar o Mercosul do neoliberalismo e atacou os Estados Unidos, o FMI e o Banco Mundial. Seu acólito boliviano, que já dissera, em Cochabamba, que seu país quer ingressar no Mercosul para fazer nele 'profundas reformas', repetiu a mensagem de Chávez e denunciou o mau desempenho das economias ainda contaminadas pela doença neoliberal. Se o anfitrião do encontro, presidente Luiz Inácio Lula da Silva, tiver tido um instante de lucidez, deve ter corado até os artelhos com as agressões e gozações que sofreu do companheiro Chávez. Mas é pouco provável.

O novo presidente do Equador, Rafael Correa, também da turma neobolivariana, aproveitou a ocasião para pedir assessoria argentina sobre renegociação - calote, em linguagem normal - da dívida externa. Os ministros de Economia Felisa Miceli, da Argentina, e Ricardo Patiño, do Equador, reuniram-se no Rio para formalizar o acordo de assessoria.

Assuntos importantes para o Mercosul, como se previa, ficaram em plano muito recuado. A proposta brasileira de condições especiais de comércio para as economias menores do bloco, Paraguai e Uruguai, ficou suspensa, por pressão argentina. O governo argentino também se opôs à admissão da Bolívia em condições favorecidas. Os dois assuntos foram entregues a grupos de trabalho. Embora derrotado, o presidente Lula não deve ter ficado muito infeliz. Em seu primeiro Confederação Nacional da Indústria não havia sido consultada e estrilou.

A diplomacia brasileira, portanto, não havia combinado o jogo nem com os parceiros externos nem com o público interno. Uruguaios e paraguaios, naturalmente, não gostaram e isso deve ter reforçado sua disposição de buscar um acordo de livre-comércio com os Estados Unidos. Como consolação, ganharam a promessa de financiamento para obras de infra-estrutura e para programas de tecnologia.

O presidente Lula e o chanceler Celso Amorim gastaram parte de sua retórica defendendo a inclusão da Venezuela, já consumada, e a da Bolívia, ainda em negociação. É preciso, segundo o presidente Lula, aceitar a diversidade no

Mercosul. Mas ele parece ter esquecido um detalhe: essa diversidade é limitada, até agora, por um compromisso de preservação das instituições democráticas.

Uma das poucas manifestações de bom senso foi o pronunciamento da presidente chilena, Michelle Bachelet. Não basta, segundo Bachelet, ficar falando sobre integração sul-americana. É preciso desenhar um roteiro de cooperação. É necessário formular um marco normativo para um espaço econômico, definir o caminho para uma zona de livre-comércio no prazo de dez anos, investir na criação de uma infra-estrutura regional e trabalhar, desde logo, para maior liberalização do intercâmbio de bens.

Não se avançou em nenhum desses temas, exceto pela assinatura de um compromisso entre Brasil e Venezuela com a fixação de prazos para estudos, até dezembro de 2008, de um projeto de gasoduto até Recife. Também para isso não seria necessário armar um circo tão amplo diante da Praia de Copacabana. A paisagem, pelo menos, deve ter compensado o esforço.

veículo: jornal (O Estado de de São Paulo)

data: 19 de janeiro de 2007

gênero: editorial

referência: <http://www.estado.com.br/editorias/2007/01/19/edi-1.93.5.20070119.1.1.xml>

O Mercosul que se perdeu

O Mercosul não pode ser apenas um projeto econômico, disseram ontem o presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o chanceler Celso Amorim, em mais um surto de fantasia geopolítica. Mas como pode ser mais que isso, se nem isso consegue ser? A reunião de cúpula iniciada ontem no Rio de Janeiro tornou mais visíveis as fraturas do bloco original, formado por Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Mas essas fraturas não bastam para satisfazer a sede de fracasso. Incapaz de resolver seus impasses, o quarteto cometeu a imprudência, no ano passado, de aceitar como sócia a Venezuela do coronel Hugo Chávez. Um dos temas centrais da nova conferência, programada para encerrar-se hoje, é a admissão da Bolívia, liderada por Evo Morales, discípulo de Chávez e inimigo de quaisquer acordos comerciais com os mercados mais importantes. Com cinco sócios, o Mercosul é mais fraco do que era com quatro. Com seis, será ainda mais frágil, ou mais desconjuntado.

“É natural”, disse o chanceler Amorim, “que os mercocéticos ou mercocríticos se enfureçam cada vez que acontece algo como a adesão da Venezuela ao Mercosul, porque percebem que o bloco está-se fortalecendo.” Cometeu dois enganos graves nessas poucas palavras (provavelmente deliberados).

Os críticos da atual situação do Mercosul foram sempre favoráveis à formação do bloco e à integração de seus membros originais. Não descreem das potencialidades do Mercosul. Condenam, simplesmente, os erros crassos cometidos nos últimos anos, desde quando os governos do Brasil e da Argentina decidiram minar a união aduaneira e dificultar os acordos com os principais parceiros. Em segundo lugar, falar em fortalecimento do bloco beira o delírio: com sócios como a Venezuela de Chávez e a Bolívia de Morales, o Mercosul apenas se torna balofo e mais se distancia de sua vocação original.

A tarefa urgente, neste momento, seria retomar o caminho da integração econômica, fortalecer a união aduaneira e buscar o caminho da inserção competitiva no mercado global. Enquanto o Mercosul se deixou enredar no protecionismo e nas briguinhas internas, outros países, conduzidos com maior sensatez, conquistaram preferências comerciais e tomaram fatias preciosas dos principais mercados. No bloco, só os governos dos sócios menores, Paraguai e Uruguai, parecem ter avaliado com algum realismo as oportunidades perdidas nos últimos anos.

“O Mercosul não é só um projeto economicista”, disse o chanceler Amorim numa entrevista à TV Globo. O adjetivo “economicista” revela um estranho preconceito, inadmissível num diplomata responsável pelas negociações comerciais do País. De fato, o bloco foi concebido com ambições amplas, mas não se faz uma associação política, social e cultural apenas com retórica. A integração econômica ainda é a base mais concreta e mais sólida para outras formas de

aproximação entre os povos, mesmo vizinhos. A integração econômica entre Brasil e Argentina progrediu rapidamente durante alguns anos, impulsionada pelo comércio e pelo intercâmbio de investimentos. Hoje os vôos entre Buenos Aires e São Paulo constituem praticamente uma ponte aérea. Cursos de português e de espanhol multiplicaram-se na Argentina e no Brasil. Não são necessárias explicações muito sofisticadas para fenômenos como esses.

Mas a integração empacou. A união aduaneira tornou-se uma ficção legal. Em vez de atacar os problemas e de trabalhar pela formação de cadeias produtivas, para intensificar a interdependência, os governos do Brasil e da Argentina permitiram que os impasses se agravassem. Os sócios menores foram esquecidos, sem receber o apoio necessário para aproveitar mais amplamente as possibilidades do comércio e do investimento.

A Venezuela de Hugo Chávez nada agrega a esse conjunto, a não ser problemas. O caudilho já se manifestou contra a liberalização do comércio agrícola defendida pelos outros sócios, em rara unanimidade, na Rodada Doha. O ingresso da Bolívia de Evo Morales tornará mais difícil o consenso a respeito das questões internacionais de interesse concreto para Brasil, Argentina, Paraguai e Uruguai. Seria preciso, sim, voltar aos objetivos da integração econômica e buscar a solução para os impasses, porque só assim seria possível consolidar a base necessária a uma associação mais completa.

Seria. Mas, agora, ao que tudo indica, não será mais.

veículo: revista (Veja)
data: 24 de janeiro de 2007
gênero: carta ao leitor (editorial)
referência: <http://veja.abril.com.br/240107/cartaleitor.html>

O MARCO CIVILIZATÓRIO

Falta um trecho para o Brasil chegar à estrada asfaltada que nos levará sem solavancos ao desenvolvimento sustentado. Falta um ambiente de negócios menos hostil à inovação, falta incentivo à produtividade e, principalmente, falta um Estado com o mesmo manequim do PIB e que controle sua fome insaciável por recursos. Mas não ocorre a ninguém minimamente responsável no Brasil a idéia de retroceder um centímetro do ponto a que se chegou até agora. Somos um país que vive um inédito consenso em torno dos fundamentos da vida civilizada – a democracia e a estabilidade econômica, o progresso social pela melhoria dos padrões educacionais e a integração aos fluxos globais de idéias e práticas sociais e ambientais sadias.

Por isso foi um choque receber no Rio de Janeiro na semana passada, para uma reunião de cúpula do Mercosul, chefes de Estado de países vizinhos como Venezuela, Bolívia e Equador, onde as virtudes celebradas e cultivadas no Brasil estão sendo demolidas. Uma reportagem da presente edição mostra que o presidente brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, se viu cercado de caciques populistas cuja irrelevância no contexto mundial só rivaliza com sua raivosa rejeição aos consensos que o Brasil abraçou. Lula dirigiu-se em especial ao venezuelano Hugo Chávez, cuja irresponsabilidade fiscal e descaso com as riquezas petrolíferas de seu povo fazem dele o financiador da vanguarda do atraso na região. O presidente brasileiro sinalizou com a necessidade de avançar a integração regional mas traçou os esboços de um marco civilizatório do qual não retrocederá e que começa pela entrega da liderança do processo aos países de economia maior, mais moderna e mais complexa – ou seja, o Brasil e a Argentina.

Os esforços do Brasil estão sendo recompensados. Pelo que mostram os indicadores recentes que medem o grau de risco de investir nos países emergentes, o Brasil desgarrou seu perfil da geléia geral da região. Como a chilena, a economia brasileira é vista pelo mundo como produto de uma civilização distintamente melhor do que a da América do Sul. Já era tempo.

Anexo 4

Produções de textos analisadas ao longo deste trabalho. Consideramos importante salientar que os erros de escrita (lexical e sintática) foram mantidos.

Amostra 1 – 1º grupo

Tipos de moradias da sua cidade

Texto 1

Yo vivo em Indaiatuba, donde existe personas con diferentes niveles sociales.

Hay casas terreas, apartamentos, condominio cerrado e chácaras. Las casas más sencillas disponen de sala, cocina, baño y patio, sin lujos. Hay también apartamentos de classe media y alta, los de altas es compuesto den habitaciones, suite, sala de cenas, cocina, lavandería y otros espacios que la habitación ofrece. En el condominio son muy sofisticado, tiene muchas habitaciones, suites, closed, lavandería, patio y otros espacios tiene chácara con grandes espacios verdes y grandes habitaciones.

En mi ciudad hay también el barrio bajo, estas casas son casas llamadas COAB, donde ellas tienen solamente una habitación, un baño muchas veces.

Mi ciudad es una ciudad de diferentes niveles sociales donde todos buscan vivir siempre mejor.

Texto 2

En Cotia hay diferentes tipos de viviendas como casas, edificios, condominios y casas de cartón.

Las casas están localizadas en toda la ciudad, geralmente contiene 3 dormitorios, una sala pequeña y una cocina mediana. Normalmente son un casal y dos niños que viven en estas casas.

Hay también los edificios, pero solamente en la entrada de la ciudad. Diferente de las casas, los edificios tienen 2 dormitorios, una pequeña cocina y una sala. Debido al pequeño tamaño de los apartamentos solo tres personas viven en los edificios.

Algo mucho común son los condomínios, localizados en una área estricta de la ciudad. Con más de tres dormitorios y apartamentos grandes, hay también las cuerdas de deportes y las piscinas.

Infelizmente hay las casas de cartón, ocupando una grande parte de la ciudad como el centro y también la entrada. Las casas son construidas sin terminación y son habitadas por más de una familia en cada casa y todas de clase baja.

Texto 3

Yo vivo en Sorocaba, hay estilos de viviendas de diferentes niveles sociales, lo que hace la desigualdad del pueblo brasileño.

En los barrios de la periferia hay muchos ranchos hechos de madera unidos uno con el otro, las muchas veces sin espacio hasta mismo para las calles. Con uno o hasta dos cómodos sirviendo para muchos ambientes. Familiares simples que ganan lo máximo un salario mínimo o hasta menos, viven todos juntos con sus cuatro o cinco hijos.

En los barrios considerados de clase media siguen el esquema llamado tradicional: dos habitaciones, sala, cocina, baño, área de servicio y garaje. Ladrillos y losa son los materiales más usados en la construcción de las casas. Viven en las

viviendas los trabajadores asalariados, independientes, con sus familias y con sus hijos, solamente uno o dos.

En lo otro extremo de la ciudad hay muchos conjuntos residenciales, teniendo la más completa seguridad y casa con grandes terrenos arbolados. Las casas generalmente son de cuatro o cinco habitaciones, muchas veces con suites, muchas salas y ambientes. Las familias de estas viviendas son la minoría en la ciudad, son ricas, tienen muchos objetos de arte y mobiliarios planeados.

Texto 4

En mi ciudad hay diferentes tipos de viviendas, porque hay diferentes situaciones financieras y también las particularidades de cada persona.

Así, yo escogí exponer rápidamente sobre las viviendas de apartamento, de un solo piso y las casas de ruedas (tráiler).

Creo que en el apartamento las personas se sienten un poco más seguras, pues normalmente existe una portería y un portero que controla las llegadas y salidas de los moradores y de los visitantes. A pesar de toda la seguridad que esa morada ofrece, las personas tienen poco espacio individual (privado) fuera de su apartamento ya que la área de recreación es usada en conjunto por los demás habitantes del edificio o entonces con hora y día reservados.

Las moradas de un solo piso tienen más privacidad, pues el acceso a ella es solamente de los familiares o invitados, pero la seguridad puede estar comprometida de acuerdo con el barrio y la facilidad de acceso que la casa presenta a los asaltantes.

Ahora, las casas de ruedas en mi punto de vista son excelentes terapias para personas urbanas que ocupan su tiempo semanal con trabajo, agitación y la

locura de la sucesión de los días y necesitan viajar y conocer otros lugares para salir de la rutina. El hecho es que algunas personas consiguen vivir de la manera que desean con la casa de sus sueños. Ya otras no pueden por motivos financieros o mismo falta de oportunidad, pues en ese país la renta es mal distribuida y no toda la gente puede dormir o alimentarse como debería.

Texto 5

En la ciudad de Itu hay diferentes barrios y formas de moradas y varios condominios donde viven personas muy importantes, como los médicos, empresarios, abogado que son personas de clase alta que frecuentan los mejores restaurantes y bares de Itu, como el Bar do Alemão donde van solamente personas importantes.

Hay también moradas común, humilde como las casas de los barrios donde las personas viven una vida común, trabajan, estudian compran todas las dificultades con sus familias y frecuentan lugares más humildes y gustan más de agitación y la locura de la sucesión de los días, diferentes de las personas que tienen dinero, que son más reservadas.

En mi ciudad hay solamente una favela donde las personas viven en situación precaria en casas muy pequeñas donde hay solamente un cómodo y muchas veces no tienen nada que comer, no trabajan y no tienen ningún estudio por eso viven en esta situación.

Lo que diferencia los varios tipos de morada son las situaciones financieras que cada persona tiene.

Texto 6

En la ciudad de Sorocaba donde vivo, hay diferentes tipos de viviendas, en realidad hay un poco de todo. Existen condominios de alto patrón con áreas magníficas de lazer, con salón de fiestas, play-ground, cuerdas poliesportivas, es totalmente murado y con sistemas de seguridad distribuidos de forma estratégica. Allí habitan ejecutivos bien sucedidos, inclusive el Alcalde de la ciudad.

La vida en el campo, las personas son humildes, viven una constante rutina. Es una vida pacata y sin grandes acontecimientos. Las personas viven naturalmente, con recursos de la naturaleza.

Despertan muy temprano, cuidan de los animales, el leche es puro y retirados por las personas que allí habitan. Sobreviven de caza y pescado, plantan y cosechan sus propios alimentos. El medio de transporte son los caballos y que todavía sirven como instrumento de trabajo. Generalmente viven en comunidad. Podemos decir que son personas muy felices.

La vida de las chabolas es muy precaria en todos los sentidos. Existe mucho vandalismo, violencia, asaltos, etc. En la mayoría de las veces son personas que vienen de otros estados para intentar una vida mejor en Sorocaba, pero sin éxito, pues encuentran grandes dificultades para conseguir un empleo y acaban pasando necesidad y viviendo allí y algunos acaban entrando para el mundo del crimen. Son moradas de mucho riesgo.

Puede no parecer, pero Sorocaba tiene vida en el campo y chabolas, no obstante de esta ciudad ser uno de los principales polos de desarrollo económico y social del país. Eso se debe al hecho de que esta ciudad alberga importantes industrias multinacionales, shoppings, hipermercados y grandes tiendas de fast food, responsables por generar empleo y renta.

Texto 7

Bajo mi punto de vista, las personas que viven en las casa pertenecen a la clase social media o media-baja. En mi ciudad, hay casas mucho simple y pequeñas. Ellas tienen de 4 a 5 cómodos: 2 o 3 cuartos, 1 cocina, 1 sala y 1 cuarto de baño. Allí viven, mas o menos, 5 personas, generalmente asalariadas, qué trabajan el día todo y regresan a la casa solo por la noche.

Otro tipo de vivienda qué xiste en mi ciudad, son los apartamentos. Las personas que viven en este tipo de vivienda son, en general, de la clase social media o media-alta y que tienen mayor remuneración y por eso desean mas seguridad. Los apartamentos localizan-se en el centro de la ciudad y allí víven cerca de 4 personas. Ellos tienen sala, comedor, 2 cuartos de baño, 2 o 3 cuartos, lavandería y cocina.

El tercero tipo de vivienda son los tugurios. Localizanse distante de el centro de mi ciudad y la clase social de las personas que allí viven es baja.

Los tugurios son hechos con muchas tablas que las personas pegan en la calles. Ellos poseen pocos cómodos: 1 cuarto, 1 cocina y 1 cuarto de baño. Generalmente, viven en los tugurios mucha gente: padre, madre y muchos hijos. Esas personas no tienen empleo fijo.

Texto 8

En Itu hay varias opciones de vivenda, una delas son los apartamentos, llegan a tener de tres a cuatro dormitorios alguns incluyendo suíte, cocina y sala de jantar interligadas, lavandería y hasta cuarto para empleada.

Los apartamentos son más requisitados pelas personas que preferem investir na tranquilidad de su familia.

La maioria das personas que viven alí son da classe média.

Otra opción son las casas nos condomínios cerrados, o espacio es mayor, llegam a tener vaga para até cuatro coches, tiene piscina y area para churrasco y también tiene monitoramento por cámaras do condomínio.

Es un tipo de vivienda mucho requisitada por personas da classe alta.

Texto 9

En la ciudade que vivo existe muchos tipos de viviendas, mas la mayoría son viviendas construídas por la CDHU. Esse tipo de viviendas son destinadas para los trabajadores de classe baja com la enta mínima de 300,00 reais. Son viviendas que tiene uno dormitorio, una sala, una cocina e uno bañero.

Por otro lado los condomínios son grandes y posuem varios tipos de ambientes de recreación como piscinas, cuabras de tenis, volley, futebol. Las viviendas son grande y tiene una arquitetura moderna y jardim mui belos, como verdaderas obras-primas. El poder de la renta de estas personas es grande y solamente esas personas consieguen sustentar todo el lujo.

Texto 10

En la ciudad de Salto hay muchos tipos de viviendas. Sigue tres diferentes tipos abajo:

Mansiones: Sus aspectos exteriores y interiores son bién lujosos. Esas viviendas se dividen en muchas partes grandes. Tienen muchas suites y muchas salas. Las personas que viven allí son ricas y tienen un alto padrón de vida. Las mansiones en general son construidas en condomínios.

Viviendas populares: Son varias viviendas cuya construcción fue uniformada y financiada por el banco en sociedad con el gobierno. Sus aspectos exteriores y interiores son uniformadas. Se dividen en habitaciones con tres, cuatro y hasta cinco partes. Las personas que viven allí son de la clase pobre y media. Esas personas tuvieron preferencia por estas habitaciones porque el pago de estas pueden ser en muchos meses.

Chabolas: Tienen aspectos exteriores y interiores de mucha miseria y basura. Se dividen en pocas partes que son muy apretadas. Las personas que viven allí son muy pobres. La mayoría de estas personas tienen poco estudio y son desempleadas. Pasan por muchas dificultades y algunas pasan hambre.

Texto 11

En Salto hay varios tipos de vivienda. La gente que vive en los barrios son de clase baja – mediana y las casa dividense en dos habitaciones; baño cocina, sala y cochera.

Los moradores son personas sencillas que trabajan en empresas cercas de la ciudad.

La gente que vive en el centro de la ciudad son de clase mediana, sus viviendas dividen-se en tres habitaciones, dos baños, sala, cocina, cochera y varanda.

Las personas no necesitan irse muy lejos para hacer las compras, pues el centro comercial es cerca de la viviendas, facilitando mucho la vida.

Porem las personas que viven en los condominios viven lejos del centro y del comercio. Las viviendas son mansiones formadas por enormes jardines, las viviendas son divididas en varios comodios como por exemplo cinco habitaciones con suite,

baños con jacuzzi, sala de TV, cocina, cochera, oficinas, solon juegos, piscina y muchas outras dependencias.

En la ciudad de Salto hay varios outros tipos de vivienda cada cual con sus características y personas muy interesantes.

Texto 12

Em Salto hay varios tipos de viviendas. Sigue abajo la descripción de três tipos:

Los apartamentos – sus aspectos exteriores e interiores tienen apariencia uniforme y padrón, geralmente son ambientes con habitaciones pequeñas y muebles versátiles. Normalmente se dividen en habitaciones con uno ou dos cuartos, una sala de estar, una cocina y una pequeña lavandería.

Las personas que viven allí son de clase média, tuvieron preferencia por estas habitaciones porque hay una mayor seguridad.

Por otro lado temos los condomínios – sus aspectos exteriores e interiores son lujosos, esas viviendas se dividen en partes grandes, bien repartidos y mucho más requintado. La gente que vive en condomínios disfrutan de un área de recreación y jardines. Son grupos de viviendas que estan protegidas con mucha vigilancia. Las personas que viven allí son adineradas y tienen alto padrón de vida.

Finalmente las chacras, sus aspectos exteriores e interiores son rústicos, amplios y también extremadamente acogedora. Esas viviendas tienen ambientes bien distribuidos con muebles simples y confortables.

Las personas que eligen vivir en las chacras, gustan de tranquilidad y contacto con la naturaleza.

Texto 13

La ciudad de Indaiatuba hay diferente barrios e formas de moradia. Vários condominio cerrado, donde encontra-se habitantes conocido cómo actor Lima Duarte, Sandy e Júnior, este condominio llamase Itaci. Os habitantes deste condominio son personas de clase alta. Hay condominio más modesto como Vale das Laranjeiras.

En nuestra ciudad no hay arrabales, existe barrios más humilde y común son de nivel escolar primario.

Solamente uno barrio Carlos Androvane no hay asfalto, es demás hay asfalto y rede de cantarillado. También hay barrio industrial, donde solamente son permitidas fábricas.

Muchas personas viven en la región agraria cómo cansancio de casa de campo.

Tiene muchos barrios nuevos en construcción, de clase média, con una población mucho cerrada. En común a población de Indaiatuba es mucho amable, mucho hospitalaria.

Indaiatuba es una ciudad mucho diversificada.

Texto 14

En la ciudad dónde vivo tiene diferentes tipos de viviendas, desde las mas simple hasta las mas lujosas.

Existen las moradias del CDHU (apartamentos), del condominio y casa terea.

Los apartamentos del CDHU son viviendas pequeñas, que los habitantes ganan del Alcalde de su ciudad y pagan mucho poco al mes para adquiriren esa propriedade después de muchos años. Normalmente no tiene confort y las personas

que allí viven tienen muchos hijos, debido a sus condiciones sociales y a veces a la falta de informaciones.

Los condomínios pueden ser de alto y medio patrón, y generalmente son seguros, pero los moradores necesitan pagar la mensualidad para tener eso confort, ya que existe la policía dentro del condominio, allende playground, club acuático y de baile.

Ya las casas no tienen tanta seguridad, pues dependiendo del barrio y de la seguridad general de la ciudad, pueden sufrir invasiones constantes.

Contudo el más importante, independiente de la situación financiera es tener un lugar donde se pueda llamar de su lugar (hogar).

Amostra 1 – 2º grupo

Texto 1

Mi ciudad natal es Itu, donde tiene mucha diferencia de grupo social. Aquí es una ciudad de turismo.

Las personas de mayor poder adquisitivo, viven en residencias enormes con grandes habitaciones, innumerable aposentos, garajes para muchos carros y un bello jardín delante de la vivienda.

Tiene también los edificios. Algunos son lujosos muy amplios con muchos aposentos y hay los edificios conocidos como CDHU, esos pisos son pequeños, muy incómodos, con solamente un cuarto de baño, pequeñas habitaciones, no tiene lavandería y no tiene también seguridad. Esos apartamentos se localizan en barrios más necesitado, para personas sin condición financiera de comprar su propio inmueble.

La dificultad obliga con que algunas personas hacen de las calles su viviendas. Viven y duermen debajo de las puentes, encima de los asientos públicos, dentro del terreno baldío, eso con muchas dificultades, sin higiene personal, con apetito, se alimentan de restos de comida encontrados dentro de la basura.

Esa como las otras viviendas, aparece en la imagen de una bella ciudad del turismo, solo que esta se aparece al fondo.

Texto 2

En mi ciudad hay viviendas normales con dos o tres habitaciones, una mayor con cuarto de baño y las otras dos pequeñas, tienen también una cocina media, uno o dos cuartos de baño y una pequeña lavandería.

La mayoría de las casas tienen una garaje donde van dos coches, tienen también un salón donde acostumbran recibir las visitas.

En mi ciudad hay muchas casas, en ellas viven las personas de renta alta, media o baja, en general viven familias compuestas por los padres, dos o tres hijos.

Hay también los apartamentos que son muy semejante a las casas en relación a su estructura, la diferencia está en las habitaciones que son de una a dos y son muy pequeñas.

En estas viviendas acostumbran vivir los estudiantes que o dividen con otros estudiantes que van a quedar en la ciudad lo tiempo estuvieron estudiando en la universidad. También acostumbran vivir en los apartamentos, las personas solas e independientes.

Sorocaba tiene pocas quintas, pero las que existen son muy guapas, tienen una casa con dos o tres habitaciones, cocina, cuarto de baño que en general es pequeño, salón y garaje para los coches.

Texto 3

La grande mayoría da gente en Salto viven casa, pero aquí también la gente gusta de vivir en piso y algunas prefieren el campo. Las personas que viven en casa son los mas populares, en piso os dé clase media y los que viven en el campo son los mas afortunados.

Casa – normalmente tiene cuatro habitaciones, siendo dos cuartos, uno cuarto de baño, una cocina, uno salón.

Piso – tiene por volta de siete habitaciones, siendo tres cuartos, uno salón, una cocina, uno comedor, uno cuarto de baño y uno lavabo.

El campo – son más grandes con cuatro cuartos, tres salóns, dos cuartos de baño, uno lavabo tiene también pasillo, cocina amplia, comedor y garaje para algunos coches.

Texto 4

Vivo en la ciudad de Salto/SP. Aquí, la grande mayoría de las personas vive en barrios. Esas personas son trabajadores asalariados, de clase media, con renta para el sustento de su familia.

Los empresarios prefieren vivir en condominios, argumentando una vida mas tranquila y mas segura.

Las personas que tienen el costumbre de vivir en edificios o apartamentos, generalmente son solteros o parejas sin hijos por el hecho del espacio no ser muy amplio.

Texto 5

Mi ciudad es muy bonita y bien poblada, yo vivo en un barrio que queda a dos Km del centro. Al lado derecho de mi barrio, hay una chabola, donde viven algunas personas muy pobres, que están sin trabajo o ganan muy poco, tienen muchos hijos y por eso no consiguen tener una vivienda y una vida mejor.

El centro de la ciudad la mayor parte son casas antiguas o nuevas, donde habitan personas de clase media, que viven de su trabajo o tienen renta propia, generalmente son familias grandes o pequeñas, solteras, estudiantes, etc.

Hay casa de dos tipos: algunas menores con pocas habitaciones y algunas más grandes con mucho patio, con garaje para autos.

Existen también los condominios cerrados muy bellos para personas de clase alta, generalmente empresarios. Sus casas son mucho más grandes con mucho verde, muchos cuartos y a veces con dos piscinas por casa y todo en perfecto estado. Estos condominios quedam alejados del centro de la ciudad, tienen mucha tranquilidad, monitoramiento y seguridad. Éste es un lugar en el cual a todos nos gustaría vivir.

Texto 6

Hay varios tipos de viviendas en Porto Feliz, existen muchos barrios residenciales donde residen personas de clase alta y media, pero existen también los barrios más pobres donde viven las personas de baja renta.

Los edificios son pocos, se puede contar en los dedos, y los mismos son muy caros. Las personas que optan en viven en departamentos, generalmente son personas que viven solas o parejas que no tiene hijos y buscan más seguridad.

Porto Feliz es una ciudad simple, pequeña, podemos decir, una ciudad familiar, pues es muy buena para vivirse, por quedarse prójima de las ciudades grandes y por la tranquilidad que ofrece a sus habitantes.

En sus alrededores, hay muchas casa de campo y fincas, donde con certeza las personas que escogieron este estilo de vida son muy más felices, pues pueden disfrutar de la naturaleza y tener contacto directo con los animales.

Los condominios son pocos, pero con verdaderas mansiones, son exageradamente caros y las personas que viven en ellos generalmente son empresarios o propietarios de algún negocio. Finalmente esas son las opciones en Porto Feliz.

Texto 7

Hola, mi nombre y Lucia y vivo en una ciudad de nombre Indaiatuba, localizada en el interior de São Paulo – Brasil.

Indaiatuba tiene hoy 200 mil habitantes y su coste de vida y considerado medio, esta proxima del mayor aeropuerto de Brasil, Viracopos y podemos encontrar viviendas diversificadas.

Por formar parte del circuito de las Frutas, podemos encontrar en Indaiatuba muchas haciendas con mansoes enormes, con muchos cuartos, salas, cocinas y jardines maravillosos. Pero para quien prefiere vivir en el centro de la ciudad, tenemos casas lindas con cuartos, suites, salas y garaje. Para los solo tenemos los edificios, siendo apartamento menores. Ahora para aquellos que buscan más seguridad, tenemos los condominios cerrados, con casas o sobrados. Indaiatuba y una excelente ciudad para vivirse y para trabajar. Cuando tuviera oportunidad venga la conoces.

Texto 8

Yo vivo em Salto, uma ciudad pequeña, um poco antigua pero muy limpia, com pueblos diversos y arquitectura deiferenciada por sus tantos años de tradición.

Hay edificios em el centro de la ciudad y hay también aquellos que estan lejos del transtorno y stress. Estos ofrecen pisos pequeños, con uno o dos habitaciones, hay poco espacio para los niños jugar y muchas veces no puedem tener perros o gatos.

Hay también los condominios, estos ofrecen confort y seguridad. Las casas son grandes y confortables.

Los condominios se quedan lejos del centro, por eso las familias tienem tranquilidad y privacidad, hay muchas árboles y gramo verde.

Y para terminar esa descripción: hay también los barrios. Donde viven muchas familias y trabajadores. Las casas puedem ser grandes o pequeñas y tiene escuelas públicas, autobus y plazas.

Hay muchos niños, perros, gatos y muchos otros animales. Todos se conocem y son amigos. Y es también donde vivo yo.

Amostra 2 – textos sobre a Espanha

Texto 1

Habia una vez estaba caminando por la calle a mirar una estatueta de donde caía agua y entonces un tipo que pasaba a delante miraba también la estatueta, él se dió con una señora maior.

La situación fue muy cômica. Mi atención prontamente pasó a ellos y me quedé a reir mucho. Pero con culpa por lo que se habia pasado, intentaba quitar el riso.

La señora quedó muy nerviosa y el tipo despreocupado ya estaba en una situación pesada.

Yo continúe allá a intentando mirar la estatueta pero cuando el tipo se dió cuenta de mí, empecé nuevamente a reír ... y bien que sí él no se seguró y empezó a reírse mucho también.

Texto 2

Estaba caminado por las calles de Barcelona. Había llegado a la ciudad hace unos siete días para visitar a unos primos que viven por allí hace muchos años. Como estudio español intentaba oír las charlas de las personas por dónde pasaba mientras miraba el suelo, porque tengo esta costumbre cuando me pongo concentrado. Dos horas después de caminar vi a una cosa en el suelo, me pareció una cartera. La garré, y cuando la abrí estaba llena de dólares y dos billetes para un partido de fútbol, Barcelona x Real Madrid, en el Camp Nou. Me quedé sorpreso con esto.

Fui a la policía para darles la certera, porque a mi no me pertenecía. La sorpresa es que, en aquel mismo momento estaba en la policía el presidente de la equipo de Barcelona, peleando con los policías pues deseaba que ellos encontrase su preciosa cartera. Él cuando me vio se quedó muy contento y agradecido por mi honestidad. Me dio 10 billetes para ver los partidos de Barça además de poder charlar con todos los jugadores y sacar fotos con ellos. Fue un año perfecto.

Texto 3

En el año pasado, hizo un viaje a Madri. Esa ciudad siempre me encantó mucho y también fue para practicar mi español.

La ciudad és muy guapa, tiene sitios maravillosos.

Pero, un día fue a una tienda comprar un regalo a mí madre que quedó en el Brasil y percebí que alguien estaba me mirando mucho.

Cuando salí de la tienda y me dirigía a otra caje un hombre bien vestido con una arma en las manos, me pidió mí cartera.

Yo sin hablar nada die ella para el hombre que salió corriendo.

Yo quedé muy nerviosa, no por el diñero que había en la cartera, pues era poco, pero sí por el susto que pasé.

Texto 4

Cuando fui a España el año pasado, me divertí mucho y hice muchos amigos.

Pablito, uno de ellos, lo conocí en un bar de Barcelona. Salí de copas con mis padres y estábamos sentados en sillas n la calle. Hacía mucho calor y tomávamos jugos de frutas helados.

Un payaso se acercó de nuestra mesa y empezó a hacer trucos. También saltaba, cantaba y hacía bromas. Fue muy gracioso y divertido. Cuando supe que nosotros éramos brasileños, se puso mucho más agitado, pues quería saber todo sobre Brasil. Pablito nos contó que pensaba viajar a Brasil para trabajar en un circo y aprender nuevos trucos y técnicas.

Hoy Pablito trabaja en el circo y viaja por todo el país. Enviamos correos electrónicos toda semana y voy a visitarlo las próximas vacaciones.

Texto 5

En el último año viajé a Barcelona para conocer la ciudad. Como necesitaba descansar elegí esta ciudad porque hay muchos sitios históricos visitar y también para salir de tapas.

Invité una amiga para acompañarme y entonces seguimos para la ciudad.

La idea era volver después de 15 días pero no fué lo que se pasó.

Mi amiga se enamoró por un chico español y no quería más volver.

Los 15 días se pasaron y el día de volver había llegado. Ya estaba con mis equipajes listas, cerca de la puerta. Cuando abrí la puerta vi el chico lleno de equipajes y le pregunté lo qué se pasaba.

Él dijo que había se casado con mi amiga y que iba a vivir en Brasil con ella.

Bién, después de casi caer, salimos todos los três al aeropuerto y algunas horas después habíamos llegado a Brasil.

Texto 6

Hace unos diez años, todavía era jovencita y no conocía muchas cosas acerca de la vida y de las cosas... Resulta que tuve la oportunidad de irme a España, más precisamente a Sevilla y, chocha de la vida, arregle mis valijas, sueños y ropas, estas últimas de manera especial. Sí porque estábamos en junio y en Brasil hace mucho frio, imagínese en España! Total que me lleve muchos abrigos, pullóveres, medias, bufandas, gorros y ningún dinero... sobre todo porque no lo tenía.

Llegué allá, muy bien abrigada, y me pareció que recién entrara en el infierno con derecho a diablo y todo lo más, ¡qué calor! Nunca se me ocurrió que en Sevilla la temperatura era tan alta. ¿Cómo pudiera ser tan tonta de buscar informaciones?

A pesar de todo, este fue el mejor viaje de mi vida, que me enseñó que jamás uno debe salir de su país sin, al menos, echar un vistazo en el google.

Texto 7

Dos amigos aficionados por fútbol se encuentran para asistir a un partido de Real Madrid. En las últimas rondas el equipo jugó un pelotón y las previsiones son las mejores. Con los jugadores bien entrenados y el estadio y la luna llenos, no habría, para estos torcedores, la posibilidad de salir sin la victoria.

Texto 8

Juan trabaja con equipages que descorriaran-se en el aeropuerto.

El tiene una tienda en Sevilla de cosas nuevas e viejas que el encuentra dentro de las equipages.

En el año pasado el he encontrado un peluche muy viejo y feo y he ponido en la tienda.

Una mujer no lo queria llevarlo porque estava sucio y Juan lo tomou de sus manos para llavarlo.

Cuando Juan empienso a llavarlo he encontrado diamantes dentro de lo peluche viejo.

La mujer e Juan pelearan por lo peluche hasta lo día siguiente.

Texto 9

En final del año 2000 fue a Barcelona conocer la ciudad y participar de uno seminario de Lingüística. Llegando en el hotel empezo los equivoccos, me hay

quedado tres horas até tener un cuarto para mi, cuando lleguei en el cuarto no tenia calefacción y estavamos en inverno hacia 10º C.

En otro día por la mañana un autobús iria buscarnos en el hotel para llevarnos al seminario pero el autobús llevo una hora después del combinado.

En seminario fue me indentificar y descubri que tenian me colocado en una mesa de questiones diferente de minha area de estudios, he ficada una colorada pero hablei lo que estudiaba.

Per lo fim yo volvei al aeropuerto y me he quedado por dos horas esperando el avion.

Amostra 2 - textos sobre a América Latina

Texto 1

Estaba en Buenos Aires, caminando por sus calles largas y rectas, con sus edificios de misma altura y lenguaje formal, conferiendole una unidad majestosa, ¡y mira! Todos los edificios llevan la inscripción del arquitecto que les proyectó!

Diez de la noche y ... me sentía muy bien allí mezclada a los porteños. La calle estaba llena de gente que iba, que venía ... ¡Por Dios, hombre, esa gente es muy alegre, parece que no vuelve a casa! Salen del trabajo y se ponen a caminar, se van a los restaurantes, a las discotecas.

Parece que el importante es vivir, convivir... ¡ser feliz! Qué maravilloso, ¿no?

Texto 2

Cuándo estuve en Buenos Aires, hace 3 años, me encanté con las calles de el centro de la ciudad.

Primero, porque estaban limpias y llenas de personas. Segundo porque nunca hubiera visto tantos artistas por la calle.

Me encantaron los músicos y los bailarinos. Sin embargo, las estatuas vivientes llamaban mi atención por todo el tiempo que me quedé a Buenos Aires.

Texto 3

Hace algún tiempo estuve en Buenos Aires de excursión, lo que mas me sorprendió fue como la Iglesia Universal hacia para llamar la atención de las personas que pasaban por la calle: ponian en el paseo una televisión muy ancha donde pasaban sus pregaciones.

Asi que la calle Corrientes, famosa por su noche, ahora tenia otra atraciones.

Texto 4

Jamás olvidaré de las calles porteñas, ya que allá me sentí muy a gusto, como si fuera una chica visitando el mundo de los sueños.

Las calles anchas, muy claras, sin construcciones altas en su alrededor y con jardines a lo largo de todos ellos me transmitiron una sensación de paz. Sensación esta que me hace extrañar mucho aquella región der sur de America y que me trae el deseo de alla volver y dejarme soñar nuevamente.

Texto 5

Yo y mi nena, nos fuimos al boliche, digo, mi nena y yo (el burro viene antes), vimos unos árboles increíbles en el camino, un perro y su cachorro, digo, una perra y su cachorro.

Yo y mi vieja nos fuimos a un antro, digo, mi vieja y yo, vinos una fêria con unos floreros chilo, pero a ella le valía gorro, la calle estaba un poco sucia, México es la mayor ciudad del mundo.

Yo y mi negrita, nos fuimos a la pachanga, digo, mi negrita y yo. Vimos por el camino el compay Nicolás, sus hijas meneaban al sonido de una rumba.

Mi chava y yo nos fuimos a una cafetería, la chaparra me hizo reír con sus chistes. Vi un carro que era un coche bien padre. Nieta, era bien padre, vi una amiga con su bici, fue buena onda.

Texto 6

He conocido Argentina, más precisamente, la ciudade de Buenos Aires y las cercanias.

Me encantó algunos sitios que normalmente los turistas visitan como: El Puerto Madero, museos, Teatro Colón, etc.

Pero la vida de las personas en las calles me ha dejado muy triste, mucha gente pedindo por dinero, personas sin trabajo y sin tener lo que comer.

Paseando con mi hermana en una calle que no recuerdo más el nombre, encontramos un jóven que había estado sin servicio y era “artesão”; pedía por comida y como nuestro dinero era corto, le di una manzana que trae en mi “bolza”, nos quedamos hablando por un tempo y él nos contó sobre su vida. Cuándo despedímonos él aceno dibujando un corazón en el aire.

Siempre pensamos que la miseria vive solamente en nuestro país, pero temos que nos dar cuenta que ella atinge todo el mundo.

Bibliografia

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaude*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985.

BAGNO, Marcos. *Preconceito lingüístico*. 28. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BAGGIO, Kátia Gerab. *A outra América. A América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas*, 1998. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo. São Paulo.

BAITZ, Rafael. *Imagens da América Latina na revista The National Geographic Magazine (1895-1914)*, 2004. 210 p. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo. São Paulo.

BANCHS, Maria A. Representaciones sociales: pertinencia de su estudio y posibilidades de aplicación. In: *Boletín de AVEPSO*, Caracas, vol. XIV, nº 3, 1991.

BARROS, Diana Luz Pessoa (org.). *Os discursos do descobrimento*. São Paulo: Edusp, 2000.

BRANDÃO, Maria Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 2. ed. rev. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CABRINI, Conceição. et al. Terra e Propriedade. In: *História temática*. São Paulo: Editora Scipione, 2005.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolingüística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂNDIDO, Antonio. Os brasileiros e a nossa América. In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. In: Ciro Flamarion Cardoso; Jurandir Malerba (orgs.) *Representações*.

CASTELFRANCHI, Yurij. A curiosa vida política dos símbolos. <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=11&id=74>. Acesso em: 25 jan 2007.

CELADA, Maria Tereza. *O espanhol para o brasileiro: uma língua singularmente estrangeira*, 2002. Tese (Doutorado em Lingüística) Unicamp. Campinas.

_____. Um equívoco histórico. In: *Os múltiplos territórios da Análise do Discurso*. Porto Alegre: Editora Sagra – Luzzotto, 1999.

CHACON, Vamireh. *O Mercosul: A integração econômica da América Latina*. São Paulo: Editora Scipione, 1996.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa / Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 10. ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à República: momentos decisivos*. São Paulo: Editora Grijalbo, 1977.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua*. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1997.

EDITORIAL. Perda de tempo. *O Estado de São Paulo*, 20 de janeiro de 2007, p.A3.

EDITORIAL. O marco civilizatório. *Veja*, São Paulo, ed.1992 – ano 40 – nº 3, p.9

EDITORIAL. O Mercosul que se perdeu. *O Estado de São Paulo*, <http://www.estado.com.br/editorias/2007/01/19/edi-1.93.5.20070119.1.1.xml>

ELIZAINCÍN, Adolfo. *România Nova: lugar de contacto del español con otras lenguas / culturas*. I Simpósio de Lingüística Hispânica. Reino Unido, 2002.

FIORIN, José Luiz. Identidades e diferenças na construção dos espaços e atores do novo mundo. In: *Os discursos do descobrimento*. Diana Luz Pessoa de Barros (org.) São Paulo: Edusp, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 5. ed., 1997.

GADET, Françoise; Hak, Tony (Orgs.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Recitações de mitos: a história na lente da mídia. In: *Filigramas do discurso: as vozes da História*. Araraquara: Editora da Unesp, 2000.

GUIMARÃES, Eduardo. Enunciação e história. In: *História e sentido na linguagem*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. Enunciação, língua, memória. *Revista da Anpoll*, São Paulo, v. 2, p.27-33, 1996.

_____. *Semântica do acontecimento: Um estudo enunciativo da designação*. Campinas: Pontes, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LOPES, Edward. Ler a diferença. In: Diana Luz Pessoa de Barros (org.). *Os discursos do descobrimento*. São Paulo: Edusp, 2000.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O Príncipe*. 12. ed. São Paulo: Hemus, 1996.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1997.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Campinas: Pontes, 2001.

MARIANI, Bethania S. C. El estado y la iglesia en la cuestión de la lengua hablada en Brasil. In: ARNOUX, Elvira Narvaja de; LUIS, Carlos R. (comp.). *El pensamiento ilustrado y el lenguaje*.

_____. *Colonização Lingüística*. Campinas: Pontes, 2004.

MOITA LOPES, Luis Antonio da. Adaptando a validade teórica do conceito de interlíngua. In: *Oficina de Lingüística Aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

MONTEIRO, Hamilton. *Brasil Império*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1994.

MOTTA, Nelson. *Alegorias carnavalescas*.
<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1901200705.htm>

O'GORMAN, Edmundo. *A invenção da América*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

PRADO, Maria Lígia Coelho. O Brasil e a distante América do Sul. *Revista de História*, São Paulo, nº145, p.127-149, 2001.

REVUZ, Christine. "A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio" (Trad. Por Silvana Serrani). In: SIGNORINI, Inés. (org.) *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado Letras, 1998.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe. *O Brasil entre a América e a Europa: o império e o interamericanismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SERRANI-INFANTE, Silvana. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: Signorini, Inês (org.). *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado Letras, 1998.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.